

ISABEL APARECIDA FELIX (ORG.)

AUTORES/AS:

**ALOYSIUS PIERIS, ARIANNE VAN ANDEL, DIEGO IRARRAZAVAL,
ELISABETH SCHÜSSLER FIORENZA, FELIPE FANUEL XAVIER
RODRIGUES, GEMMA TULUD CRUZ, IVONE GEBARA,
JEN-WEN WANG, JOSÉ MARÍA VIGIL, JUDE LAL FERNANDO, JUNG
MO SUNG, LUCIA WEILER, MAAIKE DE HAARDT,
MARIA JOSÉ ROSADO, MARIA SANDRA DOS SANTOS,
MERCEDES DE BUDALLÉS DIEZ, MONJA COEN,
TISSA BALASURIYA**

TEOLOGIAS COM SABOR DE MANGOSTÃO

**ENSAIOS EM HOMENAGEM
A LIEVE TROCH**



NHANDUTI EDITORA

**SÃO BERNARDO DO CAMPO
2009**

<i>Artigos originais:</i>	© dos/das autores/as
<i>Conjunto deste livro:</i>	© Nhanduti Editora 2009
<i>Revisão:</i>	Monika Ottermann
<i>Diagramação e arte:</i>	Leszek Lech Antoni
<i>Capa:</i>	Leszek Lech Antoni, sobre arte de Jen-Wen Wang

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Felix, Isabel Aparecida (org.)
 Teologias com sabor de mangostão. Ensaios em homenagem a Lieve Troch /
 Isabel Aparecida Felix (org.). – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora,
 2009, 224p.

Bibliografia.
 ISBN 978-85-60990-07-8

1. Teologia Feminista. 2. Diálogo entre religiões. 3. Relações interculturais.
 4. Teologia da Libertação. 5. Lieve Troch.
 I. Felix, Isabel Aparecida II. Troch, Lieve III. Título.

CDD-230.82; 201.5; 200.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia Feminista	:	Teologia feminista cristã	230.82
2. Relações interculturais e interreligiosas	:	Relações interreligiosas	201.5
3. Lieve Troch (<i>Festschrift</i>)	:	Religião: Pessoas	200.9

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

<i>Direção geral:</i>	Leszek Lech Antoni e Monika Ottermann
<i>Coordenação editorial:</i>	Leszek Lech Antoni, Monika Ottermann, Lieve Troch

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
 09640-060 São Bernardo do Campo – SP
 11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es www.nhanduti.com

*Agradecemos ao Instituto de Missiologia de Missio Aachen (MWI),
à Congregação das Irmãs da Divina Providência
e a muitíssimas pessoas particulares
pela contribuição financeira com a produção deste livro.*

*E agradecemos às pessoas que partilharam generosamente
seu tempo e seus dons na revisão dos textos:
Antônio Carlos de Góis Cajueiro, Felipe Fanuel Xavier Rodrigues,
Lilian Laurência Leite, Lília Veras, Magda Brasileiro, Milene Chaves,
Pedro Julián Jiménez Celorrio.*

Nhanduti Editora

Sumário

Dançando em torno do mangostão <i>Jen-Wen Wang</i>	7
Convite para saborear teologias “com sabor de mangostão” <i>Monika Ottermann</i>	9
Apresentação <i>Isabel Aparecida Felix</i>	11
Conversas com Lieve Troch <i>Isabel Aparecida Felix</i>	15
O diálogo intercultural como mediação hermenêutica: uma homenagem à Lieve Troch <i>Ivone Gebara</i>	21
Para uma teologia do dia-a-dia: ouvindo vozes que ainda não foram ouvidas <i>Felipe Fanuel Xavier Rodrigues</i>	33
Resistência, paixão e sabedoria impertinente <i>Maria José Rosado</i>	45
Profetisas: onde estão elas? Um exercício de releitura bíblica com suspeita <i>Lucia Weiler</i>	53
Corpos marcados por fronteiras transgredidas <i>Jung Mo Sung</i>	63
Ouvir vozes é lembrar a resistência <i>Maria Sandra dos Santos</i>	73
Raab, mulher “zonah”, mulher de fronteira <i>Mercedes de Budallés Díez</i>	81
Budismo – releitura dos textos sob a ótica da inclusão <i>Monja Coen</i>	91
Da raiva à resistência <i>Arianne van An del</i>	103

Interculturalidade e Teologia.**Interrogações latino-americanas***Diego Irarrazaval* 115**Espiritualidade da militância pluralista***José María Vigil* 127**A Igreja que aprende ou: O que o mundo ensina à Igreja***Tissa Balasuriya* 135**Uma Cristologia da Libertação do Pluralismo Religioso***Aloysius Pieris* 151**A crise de identidade e de unidade.****Rumo a uma ética ecumênica***Jude Lal Fernando* 161**Viver em meio à morte: uma releitura****de transcritos escondidos de mulheres asiáticas***Gemma Tulud Cruz* 179**Rumo a uma Espiritualidade Sapiencial Feminista****de Justiça e Bem-estar***Elisabeth Schüssler Fiorenza* 191**O paradoxo mariano: práticas marianas****como um caminho para uma nova mariologia?***Maaike de Haardt* 209

Dançando em torno do mangostão**

Jen-Wen Wang*

Fiz este desenho numa das oficinas assessoradas por Lieve na Malásia. Lieve gosta muito dessa fruta e partilhou com as participantes que, para ela, o mangostão é uma metáfora de Deus.

Para muitas mulheres, encontrar Deus é como comer essa fruta tropical, o mangostão.

Encontramos primeiro uma casca grossa, dura e escura. Pode ser a casca de doutrinas e ensinamentos patriarcais. Pode ser a casca da hierarquia eclesiástica. Pode ser a casca de mil anos de tradições. Tudo isso pode nos assustar.

Mas quando ousamos quebrar a casca grossa, vemos a bela cor rubi ou púrpura que abraça a polpa branca e macia. Quando tomamos a polpa branca e a colocamos na boca, saboreamos a doçura humilde e singela da fruta. Ela alimenta nosso corpo e nossa alma com alegria serena.

Portanto, essa fruta nos lembra que devemos lutar para furar a imagem de um Deus forte (todo-poderoso) e severo, para chegar até o cerne de Deus.

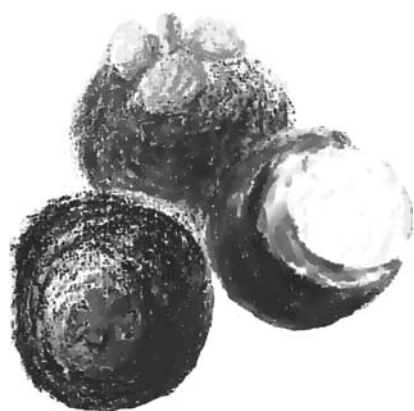
Assim poderemos finalmente saborear o perfume e o sabor de Deus e nos alimentar.

Assim poderemos nos levantar e, com passos confiantes, começar a dançar em torno do mangostão.

* JEN-WEN WANG, teóloga feminista de Taiwan, é ministra ordenada da Igreja Presbiteriana de Taiwan. Estudou muitos anos na Alemanha e pesquisou o trabalho social cristão no séc. 19. Ensina História do Cristianismo no *Taiwan Theological College and Seminary* e é autora de livros sobre a vida cristã em Taiwan. Ela faz sua teologia através de poesia e arte, e é membro do AWRC (*Asian Women Resource Centre*, Centro de Recursos de Mulheres Asiáticas).

** Tradução: Monika Ottermann

N. da Ta.: O mangostão (a fruta do mangostanzeiro, *garcinia mangostana*, também chamada de mangostin), de origem asiática e da mesma família do bacuri, é cultivado principalmente no norte e nordeste do Brasil.



Convite para saborear teologias “com sabor de mangostão”

Colaborar, no sentido mais amplo da palavra, com a produção deste livro foi o maior desafio que a Nhanduti Editora assumiu em sua breve existência, mas foi sobretudo uma enorme alegria e satisfação.

Desde que Isabel Felix nos fez a proposta, empenhamo-nos em desenvolver e realizar algo que celebrasse muito mais que “apenas” a vida e obra da homenageada: um *festschrift* que celebrasse a própria vida, por meio de teologias e valores que estão presentes no mundo inteiro e comprometidos com sua transformação.

Teologias com sabor de mangostão.

Mas, afinal, que teologias são estas?

Acontece com elas como com as coisas mais belas da vida: as tentativas de explicar ficam muito aquém dos prazeres de saborear. Podem ser balbuciadas em metáforas e esboçadas em desenhos, mas precisam ser experimentadas e vividas. Isso acontece também com as coisas divinas, até mesmo quando passam a ser teologias, quando se tornam palavras sobre o divino.

Entretanto, isso não nos dispensa da tentativa de verbalizar, da responsabilidade de partilhar o que já saboreamos ou pelo menos vislumbramos. Poderíamos dizer assim: teologias com sabor de mangostão são paixões e compromissos que se tornaram reflexões e conceituações, escondidas dentro das cascas secas de termos como “teologia feminista”, “leitura libertadora da Bíblia”, “teologia intercultural”, “teologia interreligiosa”.

Frutos concretos destas teologias, que nasceram no Brasil, na América Latina e em outras partes do mundo, chegaram até nós graças à generosa partilha de teólogas/os, filósofas/os e sociólogas/os que comprometem sua vida (não só a acadêmica) com a vida – com uma vida cheia de bons sabores, uma vida em abundância. Faremos o possível para ampliar esta partilha, ao disponibilizar, algum dia e de alguma maneira alternativa, também os artigos originais escritos em espanhol e inglês. E agradecemos, de todo coração, essa generosidade que é muito mais que uma homenagem à vida

de uma pessoa individual – é uma homenagem à própria vida.

Por isso devemos também lembrar que frutos e frutas servem para inspirar e alimentar – e quando se tornam livro, servem para inspirar as pessoas que o abrem e que se abrem para ele. Por isso, reiteramos aqui o convite que fazemos aos leitores e às leitoras em cada livro da Nhanduti: o convite de servir-se deste livro para criar

*redes em vez de centros
pontes em vez de muros
diálogos em vez de ataques
partilha em vez de indoutrinação
intercâmbio em vez de inimizade
relações de parceria em vez de dominação.*

Fazer isso é a homenagem mais bela à vida, inclusive à vida de Lieve Troch.

Pela Nhanduti Editora

Monika Ottermann

Apresentação

A idéia da homenagem em livro pela celebração da vida e obra de Lieve Troch nasceu durante minha participação em suas aulas e orientação recebida em minha tese de doutorado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo.

Tanto nas aulas quanto na orientação, Lieve nos convida – sempre de maneira desafiadora – a entrar em um processo de suspeita e desconstrução através da análise sistêmica de nossas experiências, localizações pessoais e coletivas, de nossas histórias e realidades vividas e construídas dentro das relações sócio-religiosas.

Esse mesmo processo de desconstrução e esse olhar de suspeita (não de obediência!) são estendidos para as normas, doutrinas, conceitos e ideologias teológicas das religiões.

O desenho da capa deste livro, elaborado pela teóloga feminista asiática Jen-Wen Wang e enviado especialmente para esta homenagem, expressa muitíssimo bem o pensamento, a prática e a paixão teológica de Lieve, tanto dentro quanto fora da academia: fazer da teologia um espaço de luta, tendo em vista a transformação social e religiosa.

Ao utilizar a metáfora do mangostão para tentar definir a divindade, Lieve subverte a ordem das religiões institucionalizadas que não autorizam as mulheres a definir a divindade, o sagrado, o mundo e nem a si mesmas. Afinal, o papel de definição, de nomear dentro das igrejas, é exclusivo dos homens.

Ao mesmo tempo em que nos desafia a exercer a autoridade da definição, Lieve desconstrói e rompe com o paradigma da teologia clássica que pretende explicar e adaptar, de maneira indutiva, conceitos teológicos (o divino, a graça, a revelação, a autoridade...) à vida das pessoas.

Lieve não quer adaptar, nem repetir, nem, muito menos, conservar os conceitos teológicos para serem aplicados aos grupos, às comunidades. Ela propõe a desconstrução das ideologias, das doutrinas, dos textos sagrados e das normas para, então, avaliar se é possível construir e reconstruir relações mais igualitárias. Com isso, Lieve propõe um fazer teológico crítico e político, em prol da transformação.

Efetivamente, novos conceitos já estão sendo construídos principalmente por mulheres e homens marginalizados, através de suas lutas e resistências em diversas partes do mundo. Esse é o lugar onde Lieve articula

sua teologia. Como teóloga, ela se propõe a analisar e avaliar se esses conceitos são realmente libertadores ou não e, assim, articula esses conceitos com as práticas de resistência do cotidiano de grupos que buscam viver sua fé e lutam por justiça e bem-estar.

É na vida e nas experiências do dia-a-dia, de mulheres e homens que vivem à margem das sociedades e das religiões, mas que ao mesmo tempo resistem e encontram alternativas para buscar saídas para uma vida melhor, como as mulheres que trabalham nas plantações de chás¹, e/ou as mulheres e homens pertencentes a religiões diferentes que trabalham juntas e juntos para os preparativos para a festa de São Sebastião em uma favela de Colombo (Sri Lanka)², que Lieve encontra sua paixão para fazer da teologia um lugar de transformação das relações de exclusão, de injustiça e dominação.

A partir de uma perspectiva feminista crítica, o pensamento e prática teológicas de Lieve (tanto no mundo acadêmico como fora dele) nos apontam para a possibilidade da construção de um *terceiro magistério*³, em que mulheres, homens, jovens, pessoas de todas as classes, raças, etnias, opções sexuais, de todos os espaços geográficos, possuem o poder e a autoridade de definir e re-definir a si mesmas, seus mundos, o sagrado, a divindade. Eis um espaço de autonomia, de mulheres e homens que são atrizes e atores, sujeitas e sujeitos da transformação!

Em suas aulas e escritos, Lieve mantém um diálogo aberto e crítico com as teologias da libertação e feministas de diversas partes do mundo, como a teologia latino-americana, a teologia asiática e as diversas teologias feministas (da libertação, asiática, pós-colonialista, *womanist*, *mujerista*...).

Além do diálogo acadêmico, Lieve também desenvolve um trabalho com diversos grupos de mulheres e homens de diferentes religiões no Brasil, em outros países da América Latina, na Europa, nos Estados Unidos e em alguns países da Ásia, pessoas de diferentes religiões e culturas. Sendo assim, para que a homenagem representasse esse aspecto do trabalho de Lieve, fiz questão de que as “Teologias com sabor de Mangostão” também fossem interculturais e interreligiosas! Daí convidar amigas e amigos seus do Brasil e outros países da América Latina, da Europa, dos Estados Unidos e da Ásia. Mulheres e homens que escrevem a partir do cristianismo, do zen-budismo e do candomblé.

A construção deste livro é fruto do trabalho de diversas pessoas que

1 TROCH, Lieve (org.). *Passos com Paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007, 85.

2 *Ibidem*, 91.

3 PIERIS, Aloysius. *Liberación, inculturación, diálogo religioso. Un nuevo paradigma desde Ásia*. Estella: Verbo Divino, 2001, 261.

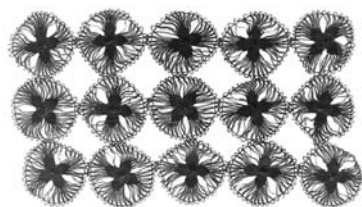
se dispuseram – com muita alegria, generosidade e muito carinho por Lieve – a colaborar. No Brasil, chamaríamos esse livro de um verdadeiro trabalho em mutirão! Assim, não poderia deixar de agradecer, primeiramente, a Monika Ottermann e Leszek Lech da Nhanduti Editora pelo apoio incondicional. Também devo agradecer às pessoas que fizeram as traduções e revisões dos textos e a cada autora e autor, provenientes dos quatro cantos do mundo, que desde o primeiro momento se dispuseram a escrever com muita alegria e admiração, em homenagem coletiva à sua amiga Lieve.

Quero lembrar aqui da fala de um **monge budista coreano** que, após ouvir uma palestra de Lieve, aproximou-se dela e disse: “*Você me iluminou!*” Lieve, creio que ele tinha razão. Seu pensamento, sua prática, sua articulação teológica com grupos diversos dos quatro cantos do mundo, ilumina e inspira não somente a mim, mas a muitas mulheres e homens com quem você compartilha suas experiências de vida e de teologias.

Também quero recordar as palavras daquela senhora – moradora de uma favela carioca – que você visitou anos atrás. Em seu barraco sem porta nem janelas, a senhora disse, entre abraços e risos: “*Lieve, volte sempre. As portas estarão sempre abertas para você!*”

Convido a você leitora e você leitor a adentrar nesta casa com Lieve e saborear e sentir o perfume do mangostão que está presente de diversas maneiras e formas em cada texto deste livro!

Isabel Aparecida Felix



Conversas com Lieve Troch

Em uma de suas vindas ao Brasil, em dezembro de 2008, convidei Lieve Troch para uma conversa mais detalhada sobre sua vida. Nesta entrevista, a teóloga feminista fala sobre sua família, seus primeiros anos de estudos, sua militância estudantil, sua vida acadêmica e teológica e ainda seus trabalhos e convivências com pessoas de várias partes do mundo.

***Isabel:* Lieve, você nasceu na Bélgica e vive há 32 anos na Holanda. Fale um pouco de sua infância na Bélgica e sobre sua família.**

Lieve: Nasci e cresci em um vilarejo na parte flamenga da Bélgica. Tenho uma irmã e um irmão, sendo que sou a filha mais velha. A Bélgica é um país católico, mas apesar de meus pais serem católicos praticantes, a fé não tinha um lugar especial na minha família. Por outro lado, tanto meu pai como minha mãe sempre me apoiaram muito para os estudos. Tive oportunidade de ter uma educação clássica, ao estudar latim, grego e matemática. Adorava especialmente a matemática devido à sua lógica e clareza de pensamento. Foi muito difícil decidir o que estudar no curso de graduação, pois a Matemática, a Psicologia e as Ciências Políticas me atraíam muito. Após esse período de escolha profissional, para a grande surpresa de meus pais, decidi ir – aos 17 anos de idade – para a Universidade de Leuven estudar Ciências da Religião e Teologia.

***Isabel:* O que levou você a fazer teologia e se tornar uma teóloga feminista?**

Lieve: Decidi fazer teologia por duas razões. Primeiramente, entre meus 14 e 17 anos fiz parte de um grupo de meninas engajadas em trabalhos com meninas deficientes e com problemas sociais nos vilarejos. Ali, tivemos muitas discussões sobre coisas da vida, de modo que participar desse grupo contribuiu muitíssimo para eu pensar sobre minha posição e responsabilidades na vida. A segunda razão está relacionada às aulas de religião na escola, ministradas por um padre de maneira horrível e chata.

Pensava: eu poderia fazer isto melhor, de uma maneira diferente.....

Essas situações me ajudaram na decisão de estudar Teologia e Ciências da Religião. Estudei entre 1966 e 1971, um tempo repleto de esperanças no pós-Vaticano II. Também um período de revoluções nas universidades: 1968! Tempo em que nós, jovens universitários, protestávamos, por exemplo, contra as fábricas de armas na Bélgica que apoiavam os portugueses na luta contra a independência de Moçambique e Guiné-Bissau. De maneira política, a situação de pobreza do Terceiro Mundo era analisada e, como alunos, apoiávamos os movimentos que lutavam para a transformação, formávamos grupos que optavam por viver uma vida mais simples etc...

Apesar deste clima político revolucionário em Leuven e da teologia pós-Vaticano II, a teologia católica me parecia ainda muito fechada. Neste contexto é que decidi fazer minha dissertação de mestrado na área do Ecumenismo, visando abrir meus horizontes para o cristianismo mundial. Em eventos do Conselho Mundial de Igrejas, dos quais participei, pude tomar conhecimento da Teologia da Libertação e da luta teológica contra o *apartheid*. Além disso, como mulher leiga na igreja católica, refleti bastante sobre minha própria posição de teóloga às margens da igreja.

Comecei a dar aulas numa escola e ao mesmo tempo estudei criminologia para poder entender melhor a violência e a marginalidade. Um dia, em 1976, recebi o convite de um bispo da Holanda para trabalhar em sua diocese como responsável pela catequese de adultos e pelo treinamento de padres para os trabalhos nas paróquias. Uma surpresa, mas também um desafio! O bispo Ernst foi amigo do Cardeal Paulo Evaristo Arns e era conhecido como o bispo mais progressista, humilde e simpático do país. Trabalhei nessa diocese durante 12 anos com muita alegria. Então, relacionada com o movimento feminista secular, comecei a apoiar especialmente as mulheres que se davam conta da marginalização estrutural na igreja. A teologia feminista se desenvolveu neste tempo e, desde os seus primórdios, fiz parte de seu desenvolvimento na Holanda juntamente com outras mulheres teólogas. Desde 1988 leciono em universidades nas áreas da Teologia Feminista, das Ciências Feministas e Teologia Sistemática. Além disso, nunca deixei de trabalhar com grupos sociais de base, de movimentos sociais, com mulheres de congregações religiosas como, por exemplo, as Irmãs da Divina Providência, e, especialmente, com grupos ecumênicos e interreligiosos.

Isabel: “A Resistência é o Segredo da Felicidade” é o tema de sua tese de doutorado. Fale um pouco sobre alguma experiência junto aos movimentos emancipatórios que tenha marcado a sua vida e inspirado sua produção teológica.

Lieve: A relação com movimentos sociais e feministas, bem como a reflexão sobre esta relação, me levaram a começar uma tese de doutorado nos últimos anos do trabalho na diocese.

Na Holanda, fiz parte da primeira geração de teólogas feministas. Fomos desafiadas pelas mulheres teólogas dos Estados Unidos e, com isso, começamos a desenvolver nossa própria teologia feminista na Europa.

Encontros com mulheres negras dos Estados Unidos e, mais tarde, com mulheres da Ásia, me levaram a um discurso intrafeminista que visava, na tese de doutoramento, uma metodologia que questionasse a centralidade de sujeitos brancos e ocidentais nos discursos teológicos. Essa continua sendo minha paixão ainda hoje! Nesse sentido, há dez anos trabalhando no Brasil, fico às vezes surpresa com os discursos ocidentais e poucos contextuais ou planetários que encontro dentro das universidades brasileiras.

Em minha vida, uma frase de Adrienne Rich, uma poetisa judia, me desafia muito. Ela diz: “Meu coração é tocado por tudo o que eu não posso salvar. Tanta coisa tem sido destruída. Tenho que ligar minha sorte com aquelas que, geração após geração, teimosamente, sem nenhum poder extraordinário, reconstituem o mundo.”

Penso sempre nestas frases. Elas me dão força. Tenho o privilégio de conhecer muitas pessoas no mundo que tentam transformar situações de violência, de desgraça, de pobreza. Para mim, a Teologia na academia e no dia-a-dia tem que se relacionar com as resistências para reconstruir a imagem da Divindade.

Isabel: Seu fazer teológico parece estar marcado pela experiência de pessoas que vivem na fronteira. Fale um pouco sobre as implicações de teologias realizadas na fronteira.

Lieve: Fronteiras fazem parte da vida, no nível pessoal e estrutural. Fronteiras constroem identidades de sujeitos, de povos, de instituições, de religiões e de pensamentos. Parece necessário viver com fronteiras para conservar a identidade pessoal e estrutural. A violação das fronteiras corporais, espirituais e culturais de mulheres e homens, de povos indígenas... destruiu sua integridade e sobrevivência. Fronteiras podem ser sagradas.

Mas sabemos também que fronteiras aprisionam pessoas: sexismo, racismo, religionismo, nacionalismo, culturalismo etc... aumentam a marginalização e a hierarquização no mundo. Cruzar essas fronteiras de exclusão é uma tarefa contínua, e a teologia pode dar uma importante contribuição nesta busca.

A luta de escapar da morte para a vida está acontecendo nas fronteiras. Eu quero situar a teologia nesse lugar, nesta ambigüidade! A Teologia acadêmica, bem como outras disciplinas e as religiões, poderiam se situar nas fronteiras para desafiar as realidades de violência e de pobreza. A Bíblia conta também histórias preciosas desta luta nas fronteiras em que

a religião dominante e a subversiva se encontram, em que a interculturalidade e a interreligiosidade são vistas como enriquecimento e não como ameaça. Nesta linha, muita pesquisa teria ainda que ser realizada.

Isabel: Você se descreveria como uma mulher de fronteira?

Lieve: Agora você usa a palavra num nível diferente. Eu tive a oportunidade de abrir meus horizontes em níveis diferentes até este momento de minha vida: sou da Bélgica e há 32 anos moro na Holanda. Trabalho regularmente com grupos interreligiosos e interculturais de base em alguns países da Ásia onde tenho amigas e amigos preciosas e preciosos de religiões e etnias diferentes, engajadas e engajados em lutas pela justiça e paz. Construímos juntas e juntos uma rede de solidariedade, de discussões, de apoio individual e estrutural numa amizade além das fronteiras de exclusão.

As religiões são cúmplices desta exclusão. Mas não precisam sê-lo necessariamente. As religiões também possuem o potencial de reunir, ligar e incluir as pessoas. Às vezes é difícil enfrentar as diferenças, uma vez que a pobreza, a violência, a tortura, a desumanização e a exclusão são muito destrutivas. Mas cruzar fronteiras na vida também é uma alegria, uma graça. Creio que precisamos construir uma rede teológica e de vida alternativa de mulheres e de homens marginalizadas e marginalizados.

A teóloga Nelle Morton escreveu um pequeno livro com o título: *A viagem é o lar*. Com isto ela não se referia a uma viagem ao redor do mundo, mas a uma viagem de audácia em que deixamo-nos desafiar por situações novas, sem medo. Nesse sentido, não há retorno para um lar já conhecido. O lar é exatamente esse viajar com olhos abertos e sempre novos. Espero poder viver assim!

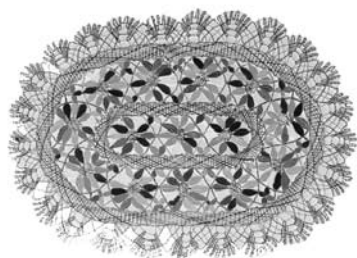
Isabel: Há dez anos você trabalha como professora da cátedra de Teologia Feminista na Universidade Metodista de São Paulo e faz parte da coordenação do Grupo de Pesquisa Netmal. Fale um pouco sobre essa experiência e o que ela lhe trouxe.

Lieve: No passado, minhas leituras me ensinaram muito sobre a América Latina e sua Teologia da Libertação. Não se esqueçam que Gustavo Gutiérrez e Camilo Torres foram também alunos em Leuven, onde estudei. O convite que recebi de igrejas protestantes para ensinar no Brasil, em uma Universidade Metodista, foi um novo desafio, não só, mas também por conta da língua portuguesa (que para mim às vezes ainda é uma feira de abacaxi). Hoje, partilho meu tempo entre a Universidade Metodista de São Paulo, a Universidade Católica Radboud em Nijmegen na Holanda e em alguns países da Ásia como: Sri Lanka, Índia, Indonésia, Myanmar, Malásia...

Gosto muito do Brasil, deste país cheio de contradições. Gosto de partilhar a teologia e de fazer teologia acadêmica nova em conjunto com

alunas e alunos. Gosto de novos caminhos numa realidade diferente! A cátedra feminista me encaminha para uma possibilidade de pesquisar pistas novas no ritmo do desenvolvimento da teologia e das ciências da religião em países do sul. A academia – alunas e alunos juntas, juntos, com os professores – me dá possibilidades de *construir* teologia, um novo pensamento, e não apenas reproduzir a ciência já existente. Fazer parte deste processo de aprendizagem de pessoas jovens vivendo na realidade do dia-a-dia é uma graça.

Isabel Aparecida Felix



O diálogo intercultural como mediação hermenêutica: uma homenagem à Lieve Troch**

Ivone Gebara*

Breve introdução

Este texto sobre o trabalho de Lieve Troch é uma singela homenagem a uma incansável lutadora em favor da dignidade das mulheres e dos grupos oprimidos. Uma homenagem é o reconhecimento da importância da vida e da contribuição de alguém em favor do bem comum em alguma área da atividade humana. Lieve é teóloga, isto é, é artesã de sentidos que sustentam a vida. E esse artesanato foi aprendido em primeiro lugar na Bélgica e Holanda, aliás, lugares onde as rendeiras se desenvolveram de maneira extraordinária, alcançando não só uma excelência na arte manual, mas uma autonomia digna de nota. Lieve tem no sangue a luta de suas antepassadas empreendedoras e corajosas. Mas, sua luta não se limitou a Flandres, visto que saiu pelo vasto mundo interpelada pelo silêncio e dominação de mulheres de diferentes lugares especialmente da Ásia e da América Latina (Brasil). Lieve se dispôs a ajudar muitos grupos de mulheres a redescobrir a trama original de suas rendas, de suas redes, de suas danças, de suas poesias. Ajuda-as a perceber que aí reside uma sabedoria própria que não pode ser dominada ou manipulada por poderes políticos e religiosos. Essa sabedoria é sua própria rede de sentido, rede tecida e bordada por elas mesmas a partir de suas diferentes culturas, rede capaz

* IVONE GEBARA é filósofa e teóloga feminista. Nascida em São Paulo, vive em Camaragibe, Pernambuco. Assessora de diferentes movimentos sociais, é também professora convidada por universidades nacionais e internacionais. É colaboradora de diferentes revistas latino-americanas, européias e brasileiras. Seus últimos livros estão publicados pela Editora Brasiliense.

** Palavras-chave: Hermenêutica – Diálogo intercultural – Feminismo – Teologia – Política.

Páginas 22-30 indisponíveis na versão digital

que sirva para alegrar o coração na linha da justiça e do direito sem, no entanto, retê-lo ou desenvolver a tentação de guardá-lo em odres indestrutíveis ou em tendas estáveis. É como a teologia que aprendemos. Ela não é a última palavra em bom vinho porque a última palavra não existe. Afinal não estamos sempre a caminho? E, a festa não é hoje e amanhã? E o vinho bom, fabricado pelas mulheres, não é igualmente o de hoje e o de amanhã?

Lieve, obrigada pelo bom vinho que você tem nos oferecido durante todos estes anos. Feliz aniversário!

Bibliografia

- ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005, 352p
- TROCH, Lieve. Swimming like salmon against the stream. In: *Journal of the European Society of Women in Theological Research*, 6. Leuven: Peeters, 1998, 99-110
- TROCH, Lieve. À imagem de Deus – teologia na articulação dos direitos da mulher. In: *Concilium*, 298,5. Petrópolis: Vozes, 2002, 105-114
- TROCH, Lieve. *Espaços de sabedoria e graça – educação teológica para a transformação*. In: *Revista Estudos da Religião*, 19. São Paulo: Universidade Metodista, 2005, 132-146
- TROCH, Lieve (org.). *Passos com Paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 95p

Para uma teologia do dia-a-dia: ouvindo vozes que ainda não foram ouvidas**

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues*

*Você pode diminuir o meu valor na História
Com cruéis e entrelaçadas mentiras a contar,
Pode ter me pisoteado na pior sujeira
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.¹*
(Maya Angelou)

Alguém já disse que “a fé vem pelo ouvir” (Rm 10,17; NT Almeida Século 21), e eu, como qualquer jovem teólogo/a, não posso deixar de ouvir aquilo que as teologias têm a nos dizer. Muito ainda preciso ouvir depois que conheci uma teóloga, a quem trato por “Professora Lieve”. Com ela, tenho ouvido vozes até então inaudíveis depois de quatro anos de seminário.

A disciplina Teologia Feminista, cursada no primeiro semestre do meu mestrado em Ciências da Religião, contribuiu muito para isso. Era a manhã de oito de março, Dia Internacional da Mulher, de 2007. Não haveria data melhor para a primeira aula de um curso sobre tal tema. Após falar um pouco do significado histórico da data na luta das mulheres pela igual

* FELIPE FANUEL XAVIER RODRIGUES é discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (área de Teologia e História) da Universidade Metodista de São Paulo, onde foi aluno de Lieve Troch nas disciplinas Teologia Feminista e Ecumenismo.

** Palavras-chave: Teologia – Dia-a-dia – Pessoas – Sagrados Espaços – Lieve Troch.

1 Primeira estrofe do poema *Still I Rise*, em cujo original se lê o seguinte:

*You may write me down in history
With your bitter, twisted lies,
You may tread me in the very dirt
But still, like dust, I'll rise.*

Páginas 34-42 indisponíveis na versão digital

vozes silenciadas nos textos sagrados.¹ Seu objetivo é descobrir “as raízes de comunidades de resistência e solidariedade” (Troch 1993, 356).

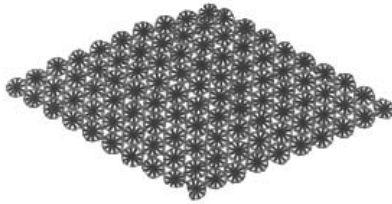
Muitas vozes ainda não foram ouvidas, mas para deixarmos a surdez de lado, precisamos atentar para as pessoas e seu dia-a-dia, refletir sobre o papel da teologia diante das injustiças diárias, e perceber a possibilidade de construir espaços sagrados em áreas marginais da religião. Esta talvez seja, creio piamente eu, a lição que estou começando a decorar e espero um dia aprender.

Bibliografia

- ALTHAUS-REID, Marcella. From the goddess to queer theology: the state we are now. *Feminist Theology*, 13. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005, 265-272. Disponível em: <http://fth.sagepub.com/cgi/reprint/13/2/265>, acessado em 15/03/07
- ANGELOU, Maya. *Still I rise*. Disponível em: <http://www.poemhunter.com/poem/still-i-rise/>, acessado em 24/11/08
- BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994, 2480p
- GEBARA, Ivone. Apresentação. In: TROCH, Lieve (org.). *Passos com paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 7-9
- HAARDT, Maaik de. Vinde, comei de meu pão. Considerações exemplares acerca do divino no cotidiano. In:
- TROCH, Lieve (org.). *Passos com paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 59-84
- KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Martin Claret, 2007, 259p
- NOVO Testamento Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2005, 302p
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 559p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de iguais. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, 404p
- SOUZA, Sandra Duarte de. *Gênero e religião no Brasil. Ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, 167p
- TROCH, Lieve. A method of conscientization. Feminist bible study in the Netherlands. In: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *Searching the Scriptures, 1. A Feminist Introduction*. Nova Iorque: Crossroad, 1993, 351-366
- TROCH, Lieve. *Verzet is het geheim van de vreugde. Fundamentealtheologische thema's in een feministische discussie*. Zoetermeer: Boekencentrum, 1996, 284p
- TROCH, Lieve. Swimming like salmon against the stream. Some reflections on interreligious communication from a feminist perspective. In: MEYER-WILMES,

4 Sugiro conferir a leitura que ela faz de Lc 10,38-42; Ex 1; Mc 5,33s e Jz 11,39s (Troch 1993, 359-363).

- Hedwig; TROCH, Lieve; BONS-STORM, Riet (org.). *Feminist Perspective in Pastoral Theology*. Leuven: Peeters, 1998, 99-109
- TROCH, Lieve. A feminist dream. Toward a multicultural, multireligious feminist liberation theology. In: *Journal of Feminist Studies in Religion* 2,18. Williston: Society of Biblical Literature, 2002, 115-121
- TROCH, Lieve. "À imagem de Deus". Teologia na articulação dos direitos da mulher. In: *Concilium*, 298. Petrópolis: Vozes, 2002, 105-114
- TROCH, Lieve. *Passos com paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 95p



Resistência, paixão e sabedoria impertinente^{1}**

Maria José Rosado*

Querida Lieve,

depois daquelas primeiras vezes em que nos encontramos, há 10 anos, quando o português ainda era uma língua difícil para você e tínhamos que nos comunicar em inglês, foram menos do que desejaríamos as oportunidades de nos sentar e tranqüilamente discutir e confrontar nossas maneiras de entender o que seja uma visão feminista da vida, incluindo aí nosso gosto pela elaboração e partilha crítica do conhecimento sobre a vida mesma. Uma pena! E aí, como não quero lamentar isso no futuro –

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...*
(Epitáfio, Titãs)

– resolvi tornar este texto uma parte desse diálogo com você.

* MARIA JOSÉ ROSADO é socióloga, doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris (1991). Trabalhou em CEBs nas regiões mais pobres do Brasil. Fundou e coordena a ONG Católicas pelo Direito de Decidir. É professora da PUC de São Paulo, pesquisadora do CNPq e membro dos Conselhos do NEMGE/USP e da Revista Estudos Feministas, entre outros. Foi professora convidada na Harvard University, EUA (2003). Em 2005 foi indicada pela Associação Mil Mulheres pela Paz para o prêmio Nobel da Paz.

** Palavras-chave: Religião – Violência – Resistência – Teologia Feminista.

1 Dedico este texto a Lieve, muito especialmente e com enorme carinho. Mas também às teólogas brasileiras, em particular às teólogas católicas, com quem tive contatos próximos e ocasião de partilhas, e das quais hoje me sinto distante.

Páginas 46-50 indisponíveis na versão digital

Catarina, italiana, de Sena, também declarada santa, durante os anos de crise do pontificado em curso, atuou junto ao Papa e aos Bispos, admoestando-os a buscarem a paz na Igreja. No Brasil, entre tantas outras, recordo Isabel, a do Fanado, em Minas Gerais, que no século 18 constituiu a casa de oração “do Vale das Lágrimas”, sem pedir licença ao Bispo. Advertida por ele, respondeu-lhe, em carta de próprio punho, que não considerava necessária qualquer licença para viver em jejum e orações sua dedicação ao Evangelho, junto com suas companheiras (Azzi / Rezende, 24-60).

A lista seria longa se a quiséssemos inteira. Interminável, se a ela acrescentássemos as incontáveis anônimas – leigas e freiras – que sustentam cotidianamente, com seu incansável trabalho, essa Igreja que não as reconhece. Como a vida dessas mulheres, Lieve, a Teologia que brota de seus textos oferece a possibilidade de que a fé religiosa seja um espaço de realização criativa da própria vida e de transformação da sociedade em um lugar bom pra se viver, com dignidade, justiça e liberdade.

Suas proposições teóricas e metodológicas radicais, distantes da ortodoxia do discurso teológico tradicional, romano ou da Teologia da Libertação, rompem paradigmas estabelecidos e se abrem à esperança. Lembrem-me Donna Haraway, quando desentranha as esperanças enraizadas na elaboração científica:

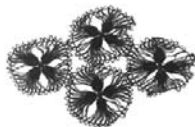
As ciências naturais, sociais e humanas sempre estiveram implicadas em esperanças como essas. De que esperanças ela fala? [...] Precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (Azzi / Rezende, 24-60)

Há alguns anos, um livro de Sociologia da Religião trazia como título a interrogação: *Um Futuro para a Religião?* (Swatos, 1993). Talvez a pergunta a que você responde, sem tê-la colocado, Lieve, seja a de que há um futuro para a religião. Talvez haja uma resposta para a perplexidade incômoda e paradoxal de ser feminista e partilhar uma fé religiosa. Em sua elaboração teológica sopram ventos de liberdade e uma enorme força de criação, essa resistência impertinente dos saberes apaixonados. Obrigada!

Bibliografia

- ALI, Ayaan Hirsi. *Infidel: A história da mulher que desafiou o Islã*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, 504p
- AQUINO, María Pilar; ROSADO-NUNES, Maria José (org.). *Teología Feminista*

- Intercultural. Exploraciones latinas para um mundo justo*. México: Ediciones Dabar, 2008, 365p
- AQUINO, María Pilar. *Feminist Intercultural Theology. Latina Explorations for a just world*. Markynoll: Orbis Books, 2007
- AZZI, Riolando; RESENDE, Maria Valéria V. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. In: AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: CEHILA/ Paulinas, 1983, 24-60
- GAARDER, Jostein. *Vita Brevis: La carta de Floria Emilia a Aurelio Agustín*. Madri: Ediciones Siruela, 1997, 130p
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: *Cadernos Pagu*, 5. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu / Unicamp, 1995, 7-41
- JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. *Obras completas, I: Lírica Personal. Edición Prologo y Notas de Alfonso Mendez Plancarte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988, 626p (Serie de Literatura Colonial)
- JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. *Obras completas, IV: Comedias, sainetes y prosa. Edición Prólogo y Notas de Alberto G. Salceda*. México: Instituto Mexiquense de Cultura, 1994, 715p (Serie de Literatura Colonial)
- LLOSA, Mario Vargas. Uma mulher contra o mundo. In: *O Estado de São Paulo*, 10/02/2008. São Paulo: O Estadão, Caderno de Cultura, 11
- PAZI, Octavio. *Sor Juana Inés de La Cruz o las trampas de la fe*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1982, 656p
- SWATOS, William H. *A future for religion? New paradigms for social analysis*. Newbury: Sage, 1993, 210p
- TROCH, Lieve (org). *Passos com paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007, 95p
- VALERIO, Adriana. *La questione femminile nei secoli X-XII. Una rilettura storica di alcune esperienze in campânia*. Napoli: M. D'Auria Editore, 1983, 94p
- VARGAS VALENTE, Virginia. Prólogo. In: AQUINO, Maria Pilar; ROSADO-NUÑES, Maria José (org.). *Teología Feminista Intercultural: exploraciones latinas para un mundo justo*. México: Ediciones Dabar, 2008, 7-12



Profetisas: onde estão elas? Um exercício de releitura bíblica com suspeita **

Lucia Weiler *

Introdução

A escolha do título desta reflexão é motivada pela própria pessoa que quero e queremos homenagear. Lieve Troch, mulher profetisa do e no nosso tempo. Onde está ela? No Sri Lanka, em Münster, em São Paulo, na Bahia, em Porto Alegre, em Curitiba, na Indonésia, na Holanda. Nos corações, nas memórias e nas agendas de muitas e muitos. Escrever algo em sua homenagem é ordem do coração. Não posso deixar de fazê-lo. Mas a ordem afetiva é uma. Na prática, porém, escrever em homenagem a esta mulher profetisa é desafio. Vou assumi-lo com aquela consciência que dela aprendi. Quando um texto está pronto para ser editado é que ele deveria ser novamente desconstruído e reconstruído. Deixo essa tarefa para ela própria e para todas e todos os que tiverem a curiosidade e o interesse de ler esta breve reflexão.

Voltando ao título, a pergunta já de início nos confronta com um desafio: a busca de relações igualitárias, num discipulado de iguais, não é tão fácil no âmbito teológico-bíblico. Temos muitas reflexões sobre a profecia na perspectiva bíblica. O que constatamos é que a maioria delas traz uma perspectiva apenas masculina. E não poderia ser diferente, porque os profetas que a Bíblia ressalta são em sua maioria, e por que não dizer em sua totalidade, homens. Daí porque o que segue só pode ser compreendido dentro de um exercício de releitura bíblica com a hermenêutica da suspeita.

E, entrando por essa aventura criativa e inventiva, reconhecemos que todo escrito passa por um processo de escolha de palavras, de conceitos,

* LUCIA WEILER é doutora em Teologia Bíblica pela PUC-RJ e membro da Congregação das Irmãs da Divina Providência que está sendo assessorada desde 1999 por Lieve Troch. Nesse espaço assumiu várias assessorias conjuntas com Lieve Troch. É professora de Sagrada Escritura e Teologia Feminista na ESTEF – Porto Alegre/RS. Integra o Conselho Nacional do CEBI, prestando o serviço de intercâmbio com países de idioma alemão. Integra a Equipe Teológica da CLAR desde 2003.

** Palavras-chave: Movimento profético – Mulheres Profetisas – Hermenêutica da Suspeita – Dança da Libertação e da Transformação – Reino de Deus.

Páginas 54-61 indisponíveis na versão digital

Desde aí, todo o povo de Deus é chamado para cumprir um desejo muito antigo, que o livro dos Números já colocava na boca de Moisés: “Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor lhe concedesse o Espírito” (Nm 11,29b).

In-con-clusão

E para não concluir voltamos à pergunta inicial. Mulheres profetisas: onde estão? A espiritualidade feminista profética articulada com a prática cotidiana faz-nos reconhecer sua presença a serviço da vida e da reconstituição da vida, principalmente lá onde ela se encontra ameaçada.

As mulheres que se sobressaíram em Israel, na história do Povo de Deus e na Palestina, no Movimento de Jesus, encarnaram em suas vidas o desejo de viver a energia de todo o povo, o seu passado e as razões de sua esperança. Seu profetismo na prática cotidiana foi uma espiritualidade encarnada, um ministério de vida. Onde havia morte e esterilidade, mostravam os “atalhos” e as “brechas” por onde se reencontram a força e a coragem de viver. Por isso, nos quatro Evangelhos, nós as encontramos como testemunhadas e anunciadoras da Vida Nova que brota da Ressurreição.

Acreditamos que hoje essa mesma espiritualidade renasce como fogo sob as cinzas, de forma surpreendente em nossos meios populares e em nossos espaços teológicos, muitas vezes liderados por mulheres profetisas, numa luta incansável, permeada de fé a serviço da vida que necessita do ar novo do Espírito da Sabedoria para sinalizar a realidade do Reino de Deus acontecendo já aqui e agora entre nós.

À Lieve, profetisa sábia e amiga, com quem muito aprendi e aprendo, obrigada!

Bibliografia

- BÍBLIA Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994, 2480p
- GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1995
- MESTERS, Carlos. O profeta Elias: Inspiração para hoje. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 30. Petrópolis: Vozes, 1970, 1
- MESTERS, Carlos. A experiência de Deus nos patriarcas, nos profetas, nos sábios e no Evangelista S. João. In: FREI BETO etc. (org.) *Experimentar Deus hoje*. Petrópolis: Vozes, 1974
- SCHNEIDER, Gerhard; BALZ, Horst (org.). *Exegetisches Wörterbuch zum NT*. Stuttgart etc.: Kohlhammer, 1983
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Los Caminos de la Sabiduría: Una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae, 2004 (tradução brasileira em preparação pela Nhanduti Editora)
- WEILER, Lucia. RISPÁ simplesmente RISPÁ. In: *Estudos Teológicos*, 46,1. São Leopoldo: EST, 2006

Corpos marcados por fronteiras transgredidas**

Jung Mo Sung*

Na apresentação do livro *Passos com paixão*, organizado por Lieve Troch, Ivone Gebara diz que esse é um livro “incomum em teologia” não porque foi escrito por três mulheres, mas porque não reproduz o modo clássico de fazer teologia e também não apresenta “uma definição de Deus nem mesmo uma pré-definição” (Troch, 7). É uma teologia que não se centra nos conceitos teológicos tradicionais (Deus, Igreja etc.), mas reflete teologicamente sobre as experiências do cotidiano. Gebara chega a afirmar:

Não há outra base de revelação do humano para o humano a não ser as experiências múltiplas de bem e de mal, de criatividade e de monotonia, de horror e medo, de esperança e solidariedade que fazemos para nós mesmos. (Idem, 8)

Neste pequeno artigo em homenagem à professora Lieve Troch, eu quero seguir esse caminho. As reflexões que vou apresentar não são teológicas no sentido estrito ou clássico, mas reflexões “humanas” a partir da minha experiência de “fronteira” entre dois mundos diferentes. “Fronteiras e transgressões de fronteiras” que, como diz Troch, “representa um desafio para as diversas teologias feministas [e também para outras teologias, JMS] orientadas por contexto” (Troch, 44). É uma reflexão sobre a minha memória¹ – a minha experiência guardada, revisitada e reelaborada – de

* JUNG MO SUNG é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. É autor de inúmeros artigos e livros, entre eles: *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*; *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise* e *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*.

** Palavras-chave: Memória – Imigração – Fronteira – Reconstrução da Identidade.

1 Essa “memória” foi apresentada no Seminário Imigração Coreana, Psicologia e Cultura, ocorrido no dia 07/06/2003, na Universidade de São Paulo (texto inédito).

Páginas 64-71 indisponíveis na versão digital

Ouvir vozes é lembrar a resistência**

Maria Sandra dos Santos*

*Mo Ki gbogbo in!
Eu saúdo a todas e todos!*

Mulheres de todos os jeitos, trejeitos. Mulheres faceiras, feiticeiras mexendo a gamela da vida. Mulheres que cantam, que encantam. Mulheres que dançam na ciranda da vida. Feitiço se fez, tornou-se partido alto a língua da sabedoria. Vozes de mulheres sofridas Sacerdotisas – transgressoras em nome da justiça.

Introdução

Dentre as muitas coisas que nos desafiam na elaboração de um artigo, uma delas é contar como chegamos à escolha do tema, por que privilegiamos tal assunto, quais os motivos, ao lado de tantos outros questionamentos e paixões que acompanham a nossa vida, frutos de vivências, guardadas ao longo do tempo e expressas em nossas respostas, dúvidas, incertezas, certezas e decisões. Este artigo, portanto, faz parte de tudo isso, além de uma profunda inquietação em documentar a história das mulheres negras comprometidas com o cotidiano religioso da religião afro-brasileira, o candomblé.

Foi com grande prazer que aceitei o desafio de em poucas palavras fazer memória subversiva de tantas mulheres que marcaram época, as feitas, as quituteiras, as ganhadeiras, as famosas mulheres do partido alto,

* MARIA SANDRA DOS SANTOS nasceu em Salvador - Bahia em 1962. É Omo Orísá do Ilê Asé Iyá Nassô Oká, historiadora pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e docente do Instituto de Educação Teológica da Bahia (ITEBA).

** Palavras-chave: Mulheres – Resistência – Irmandades – Religião – Conhecimento.

Páginas 74-79 indisponíveis na versão digital

- espiritualidade dos orixás*. Petrópolis: Vozes, 1996, 7-12
- SERRA, Ordep. *Árvores, casas e pedras se multiplicam*. In: *Tempo e presença*, 21. Rio de Janeiro: Koinonia, 1999, 12-14
- SERRA, Ordep. Tribo de Iguais. In: *Correio da Bahia*, 14/01/2001, 1-3
- SILVEIRA, Renato da. Jejê-nagô, Ioruba-Tapá, Aon Efan, Ijexá. Processo de constituição do Candomblé da Barroquinha, 1764-1851. In: *Revista Cultura Vozes*, 6. Petrópolis: Vozes, 2000, 80-100
- SILVEIRA, Renato. *Iyá Adetá, Iyá Akalá, Iyá Nassô, Babá Assiká e Bamboxê Obitikô. História do Candomblé da Barroquinha, o ancestral da Casa Branca*. Salvador: arquivo eletrônico do autor, 2001, 1-177
- SILVEIRA, Renato. Candomblé da Barroquinha. Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto. São Paulo: Maianga, 2006, 645p
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Ago, Ago Lonan. Mitos, ritos e organização em terreiros de candomblé na Bahia*. Belo Horizonte: Mazza, 1998, 471p
- SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Evangelização e diálogo junto às comunidades afro-americanas e caribenhas. In: *Revista Mandrágora*, 3. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1996, 6-29
- VIDAL, Mara Regina. Ilê Leuwyiato – uma experiência em muitas vidas. In: *Revista Mandrágora*, 3. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1996, 42-54

Raab, mulher “zonah”, mulher de fronteira**

Mercedes de Budallés Diez*

Minha vida foi marcada pela presença de muitas mulheres de fronteira. Minha mãe, mulher inteligente, forte e decidida. Viúva aos 30 anos, educou os seus quatro filhos no diálogo e na fronteira da liberdade naqueles tempos de ditadura militar depois da guerra civil espanhola. Em momentos de tomar decisões, um dos seus conselhos, ainda ressoa em mim: “Você já tem o ‘não’, vá procurar o ‘sim’”. Este dito me ajudou em muitas situações importantes da minha vida e ajuda até hoje, quando, por exemplo, quero desistir de escrever este artigo por falta de tempo, por trabalho acumulado.

Sempre encontrei, no meu viver, muitas mulheres de “fronteira-passageira”. Amigas com quem partilhei as descobertas da juventude, o engajamento na luta por um mundo melhor, e que ainda são amigas. E, de forma muito significativa, as mulheres do interior do Brasil com quem compartilhei vivências e paixões durante mais de 20 anos, já que foram elas que mudaram minha forma de olhar e entender a vida.

Depois, conheci a Lieve em um momento importante do meu caminho. Eu saía de uma missão na Amazônia e voltava para a universidade

* MERCEDES DE BUDALLÉS DIEZ nasceu em Girona (Espanha) em 1944. Estudou Ciências Biológicas em Madri e Teologia em Sevilha. Trabalhou como missionária na Amazônia onde aprendeu a ler a Bíblia para a vida com o povo pobre. Assim, optou por fazer uma especialização Bíblica em Jerusalém. Voltou ao Brasil, onde mora. Fez Mestrado em Ciências da Religião em São Paulo e hoje é professora de Antigo Testamento em Goiânia. É assessora nacional no Centro de Estudos Bíblicos. Publica artigos na área de hermenêutica feminista e subsídios populares.

** Palavras-chave: Mulher – Prostituta – Autônoma – Fronteira – Passagem.

Páginas 82-89 indisponíveis na versão digital

- SANMARTÍN, Joaquín. *Las guerras de Josué. Estudio de semiótica narrativa*. Valência: Institución San Jerónimo, 1982, 229p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Bread not stone. The challenge of feminist biblical interpretation*. Boston: Beacon, 1984, 252p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *En memoria de ella: una reconstrucción teológica feminista de los orígenes del cristianismo*. Bilbao: Descleé de Brouwer, 1989, 415p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de iguais: Uma Ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Pero ella dijo. Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madri: Trotta, 1996, 283p
- SCHWANTES, Milton. *História de Israel – vol 1: Local e origens*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2008, 140p
- SOGGIN, Jan Alberto. *Joshua. A Commentary*. Londres: S.C.M. Press, 1972, 264p
- TAMEZ, Elsa; PEREIRA, Nancy Cardoso; SAMPAIO, Tânia Mara (org.). *Las mujeres toman la palabra*. San José: DEI, 1989, 111p
- TRIBLE, Phyllis. *God and the Rhetoric of Sexuality*. Philadelphia: Fortress Press, 1978, 228p
- TRIBLE, Phyllis. *Texts of terror. Literary-Feminist Readings of Biblical Narratives*. Philadelphia: Fortress Press, 1984, 228p
- TROCH, Lieve. *Passos com Paixão. Uma Teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 95p
- TROCH, Lieve. Vozes de quem mora sobre fronteiras: importância do 'lugar social' para o diálogo inter-religioso. In: VIGIL, José Maria (org.). *Teologia pluralista libertadora intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008, 337-350
- WILFRED, Felix. A arte de transpor fronteiras. In: *Concilium*, 280,2. Petrópolis: Vozes, 1999, 22-31
- WINTERS, Alicia. A memória subversiva de uma mulher: II Samuel 21,1-14. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 13. Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1993, 67-74
- WINTERS, Alicia. Uma vasilha de azeite: mulher, dívidas e comunidade (2 Rs 4,1-7). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 14. Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1993, 44-49
- WINTERS, Alicia. A mulher no Israel pré-monárquico. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 15. Petrópolis / São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 1993, 16-27

Budismo – releitura dos textos sob a ótica da inclusão**

Monja Coen*

Há mais de vinte e cinco anos, um incidente, durante uma palestra na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, deu origem a uma série de estudos e pesquisas sobre as várias formas de discriminações e preconceitos no Japão, e sobre as relações dessas exclusões com as religiões. Todos os grupos religiosos, a partir desse incidente, desenvolveram estudos especializados e abriram departamentos de Direitos Humanos nas diversas ordens religiosas.

A tradição a que pertencço, *Soto Shu*, em decorrência desses acontecimentos, atualmente baseia seus ensinamentos no seguinte círculo interdependente:

Direitos Humanos, Paz e Meio Ambiente.

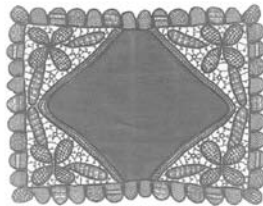
Para que haja paz, é necessário que sejam respeitados os direitos humanos e preservado o meio ambiente. Preservar o meio ambiente é contribuir para a construção de uma cultura de paz, respeito à vida e à diversidade. Respeitar os direitos humanos inclui a integração com a natureza e o cultivo da paz.

* MONJA COEN é Monja Zen Budista, missionária oficial da tradição Soto Shu. Teve sua formação no Mosteiro Feminino de Nagóia, no Japão, onde residiu por doze anos. Voltou ao Brasil em 1995, onde trabalhou no templo Busshinji, sede da América do Sul e iniciou sua participação no Diálogo Interreligioso na cidade de São Paulo. Em 2001 abriu um novo grupo de estudos, que recebeu o nome de Comunidade Zen Budista Zendo Brasil, e hoje é a responsável pelo Templo Tenzui Zenji, em São Paulo.

** Palavras-chave: Budismo no Japão – Releitura de textos sagrados – Direitos Humanos – Não-discriminação – Mulheres no Budismo.

Páginas 92-101 indisponíveis na versão digital

- HEISIG, James W.; MARALDO, John C. (org.). *Rude Awakenings: Ze, the Kyoto School and the Question of Nationalism*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1994, 384p
- KENJI, Ishii. Urbanization, Depopulation and Religion. In: TAMARU, Noriyoshi; REID, David (org.). *Religion in Japanese Culture. Where Living Traditions Meet a Changing World*. Tokyo: Kodansha International, 1996, 156-170
- KAWAHASHI, Noriko; KUROKI, Masako (org.). Feminism and Religion in Contemporary Japan. In: *Japanese Journal of Religious Studies*, 20/3-4. Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 2003, 207-216
- READER, Ian. Transformations and Changes in the Teachings of the Soto Zen Buddhist Sect. In: *Japanese Religions*, 14.1. Kyoto: Center for the Study of Japanese Religions, 1985, 28-48
- MURCOTT, Susan. *The First Buddhist Women. Translations and Commentary on the Therigatha*. Berkeley: Parallax Press, 1991, 220p
- PAUL, Diana Y. *Women in Buddhism. Images of the Feminine in Mahayana Buddhism*. Berkeley: Asian Humanities Press, 1979, 133p
- ROCHA, Cristina. *Zen in Brazil. The Quest for Cosmopolitan Modernity*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2006, 256p
- UCHINO, Kumiko. The Status Elevation Process of Soto Sect Nuns in Modern Japan. In: *Japanese Journal of Religious Studies*, 10/2-3. Nagoya: Nanzan Institute for Religion and Culture, 1983, 177-194
- WILLIAMS, Duncan Ryuken. *The Other Side of Zen: A Social History of Soto Zen Buddhism in Tokugawa Japan*. Princeton: Princeton University Press, 2004, 241p



Da raiva à resistência**

Arianne van AnDEL*

A resistência é o segredo da alegria. Esta frase, que Lieve Troch usou como título da sua tese de doutorado, sempre me tem convidado à reflexão.¹ Em sua tese, Troch promove o valor da resistência como um processo libertador: “A resistência não é um caminho para a libertação, mas um movimento espiral que nos conduz a um espaço livre e novo com novas relações e formação de comunidade, no sentido teológico, uma ruptura em direção ao Reino” (Troch, 4.5).² Ela pesquisa como a teologia feminista no Ocidente pode contribuir para processos de resistência de mulheres de outros continentes, sem cair numa posição idealista harmonizadora que perde de vista as múltiplas formas de dominação e as diferenças nas situações de poder e de sofrimento entre as mulheres em contextos diferentes do mundo. Troch é inspirada pela visão de que a força da resistência pode aproximar um mundo onde acabe o sofrimento de tantos homens e mulheres e onde haja justiça, consolo e alegria.

A partir da minha própria experiência em movimentos sociais, nos Países Baixos e no Chile, percebo que há muita repercussão do título da

* ARIANNE VAN ANDEL (1975) é teóloga holandesa de tradição protestante, mestra em teologia sistemática e teologia feminista. Desde 2005 trabalha, com apoio de CMC (Países Baixos), como pesquisadora no *Centro Ecuménico Diego de Medellín*, em Santiago, Chile. Colabora também com a equipe pedagógica *Tremohue* (antigo *Capacitar Chile*), em capacitação e terapias complementares de autocuidado e de combate ao estresse.

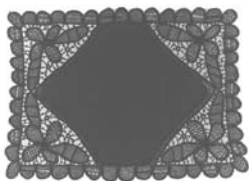
** Palavras-chave: Resistência – Raiva – Transformação – Hermenêutica da Raiva.
Tradução do espanhol - Leszek Lech.

1 Troch tomou o título do livro: WALKER, Alice. *Possessing the Secret of Joy*. Nova Iorque, 1992.

2 Tradução do original holandês conforme a tradução espanhola da autora.

Páginas 104-113 indisponíveis na versão digital

- FREEMAN, Lucy. *La ira, la furia, la rabia. Como comprender y transformar los sentimientos destructivos reprimidos*. Barcelona: Gedisa, 1992, 224p
- GHANDI, Mahatma. *Mi vida es mi mensaje. Escritos sobre Dios, la verdad y la no-violencia*. Santander: Sal Terrae, 2003, 232p
- GONZALEZ, Adele. "¡Enójense, pero sin pecar!" Disponível in: www.vozcatolica.org/68/adele.htm, acessado em 05/06/08
- GYATSO, Gueshe Kelsang. *Introducción al budismo. Una presentación del modo de vida budista*. Cádiz: Tharpa, 2000, 168p
- LUTHER KING, Martin. *Un sueño de igualdad*. Madri: Los libros de la Catarata, 2001, 159p
- MARTÍ BALLESTER, Jesús. *Discurso sobre la Suma Teológica de Santo Tomas de Aquino. La Pasión de la Ira*. Disponível in: www.autorescatolicos.org/jesumartiballesterlap.htm, acessado em 22/08/08
- NAPTHALI, Sarah. *Boeddhisme voor moeders. Praktische gids voor ontspannen moederschap*. Haarlem: Altamira, 2007, 256p
- PIERIS, Aloysius. *Viver e arriscar. Estudos interreligiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2008, 128p
- ROSENBERG, Marshall B. *Comunicación no violenta. Un lenguaje de vida*. Buenos Aires: Gran Aldea, 2006, 199p
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *De la ira*. Disponível in: www.cervantesvirtual.com, acessado em 05/06/08
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Mensen als verhaal van God*. Baarn: Nelissen, 1993, 288p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminos de la Sabiduría. Una introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae, 2004, 285p
- The Urban Dharma Newsletter March 9, 2004*. Disponível in: www.urbandharma.org, acessado em 22/08/08
- TROCH, Lieve. *Verzet is het geheim van de vreugde. Fundamentealtheologische thema's in een feministische discussie*. Zoetermeer: Boekencentrum, 1996, 284



Interculturalidade e Teologia

Interrogações latino-americanas **

Diego Irarrazaval *

Em um contexto globalizado, muitas pessoas reivindicam a cultura própria. Este direito à identidade e ao projeto de vida implica em interagir com realidades distintas da própria e, desse modo, em sentir e agir interculturalmente. Isso afeta o trabalho científico e a reflexão da fé.

Infelizmente, isso geralmente é abordado com ingenuidade. Realiza-se uma leitura crente das culturas como se estas fossem setores da realidade (com um padrão estrutural). Outra maneira é compreender as culturas como se estas fossem essências e dialogar teologicamente com elas (essencialismo). Outra atitude é reduzir o cultural às subjetividades de pessoas e de grupos. Estas três aproximações (estrutural, essencialista, intimista) não permitem o entendimento de processos e intersecções.

Por isso, é válido reprojeter a abordagem teológica no que se refere ao cultural, visto que ela é interativa. É válido prestar atenção a processos globais e locais entre culturas; o trabalho científico retoma a complexidade

* DIEGO IRARRAZAVAL é chileno, professor de teologia, assessor de cursos de lideranças de base e profissionais. Foi presidente da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT/EATWOT). É autor de vários livros e inúmeros artigos. Dois de seus livros podem ser encontrados em português: *Um Jesus jovial* e *De baixo e de dentro*.

** Palavras-chave: Povos Indígenas e Mestiços – Metodologia Intercultural – Cristologia Policêntrica – Culturas.

Tradução do espanhol - Fernando Cândido da Silva.

Páginas 116-124 indisponíveis na versão digital

Podemos dizer que o Verbo de Deus encarnado se manifesta na polifonia humana através da humanidade pobre. Podemos adicionar os sinais do Pneuma de Deus que suscita carismas renovados: o diá(polí)logo genuíno, a cura integral, a profecia dentro e para além das religiões, a liderança servçal e as redes solidárias que permitem reformular ministérios.

A transformação intercultural e inter-religiosa da cristologia e da pneumatologia certamente merece bons debates. Oxalá se abra a porta, não a uma Ilustração rejuvenescida, mas ao projeto de partilhar o dom de Viver entre seres humanos diferentes. A esse respeito, é desejável que as elucubrações teológicas possam ser sensíveis ao Mistério e que dêem as costas à pretensão de definir manifestações de Deus.

Muitas pessoas no mundo aderem à polifonia da fé. Para isso é requerida uma práxis intercultural e inter-religiosa. Assim, a humanidade continuará reconhecendo o presente do amor divino, do qual nem uma cultura nem uma religião podem se apropriar. Ao dialogar entre formas de fé (e com formas de não-crença) é possível aproximar-se, em silêncio, ao incondicional dom de Viver.

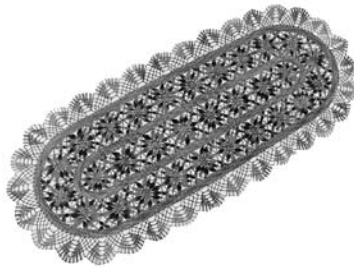
Bibliografia

- BASCOPÉ, Víctor. *Espiritualidad originaria*. Cochabamba: Verbo Divino, 2006, 240p
- CASALDÁLIGA, Pedro. *El vuelo del Quetzal. Espiritualidad en Centroamerica*. Manágua: Oscar Romero, 1988, 196p
- CELAM. *El futuro de la reflexión teológica en América Latina, 141*. Bogotá: CELAM, 1996
- FORNET-BETANCOURT, Raul. *Interculturalidad y Religión*. Quito: Abya Yala, 2007, 127p
- IDEA. Un camino recorrido: 15 años de encuentros. In: IDEM. *Teología Andina*. La Paz: ISEAT / Plural, 2006, 321-348
- ISEAT. *Teología Andina, II*. La Paz: ISEAT / Plural, 2006, 496p
- LLANQUE, Domingo. *Vida y Teología Andina*. Cusco: CBC / IDEA, 2004
- MAMANI BERNABÉ, Vicenta. *Ritos espirituales y practicas comunitarias del ay-mara*. La Paz: Creart, 2002, 206p
- MONTES, Fernando. *Las preguntas de Jesús*. Santiago: Tiberiades, 2002
- MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean Luis Le. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000, 136p
- SARMIENTO, Nicolas. *Caminos de la Teología India*. Cochabamba: Verbo Divino, 2000, 246p
- SUSIN, Luiz Carlos (org.). *O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Soter / Loyola, 2000, 294p

SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006, 485p

TAMAYO, Juan José; BOSCH, Juan (org.). *Panorama de la Teología Latinoamericana*. Estella: Verbo Divino, 2001, 683p

TAMAYO, Juan José; FORNET-BEATANCOURT, Raul (org.). *Interculturalidad, diálogo interreligioso y liberación*. Estella: Verbo Divino, 2005, 683p



Espiritualidade da militância pluralista**

José María Vigil*

Lieve Troch tem sido e continua sendo, com uma energia incrível, uma mulher lutadora, verdadeiramente “militante”, no campo do pluralismo cultural e religioso... Neste texto, o autor tem a intenção de colocar palavras à experiência espiritual dos que se sentem movidos e comovidos por esta paixão pluralista militante.

Pluralismo, sinal dos tempos

A experiência – ao mesmo tempo feliz e conflitiva – do pluralismo é um dos “sinais dos tempos” mais marcantes e atuais. A melhora dos meios de transporte, de comunicações e telecomunicações fez com que as sociedades humanas tenham multiplicado os seus contactos exponencialmente. A comunicação, o conhecimento mútuo e a experiência da alteridade caracterizam, como nunca antes, as sociedades atuais. Semelhante ampliação quantitativa do conhecimento sempre causa a reestruturação qualitativa deste mesmo conhecimento a partir de novas perspectivas, com novos horizontes, sob novos paradigmas, assumidos com novas valorizações. Não somente se adicionam novos dados de conhecimento, mas também são organizados de outra maneira e adquirem um significado e uma valoração diferentes.

A experiência nova que, nos últimos tempos, a Humanidade está fa

* JOSÉ MARÍA VIGIL é espanhol de origem, naturalizado nicaragüense e atualmente vive no Panamá. É padre claretiano e teólogo da libertação. Com Pedro Casaldáliga é editor da Agenda Latino-americana Mundial. Já foi responsável pela Comissão Teológica Latino-americana e pela *World Theological Commission* da Associação de Teólogos do Terceiro Mundo, além de ter publicado diversos livros e artigos.

** Palavras-chave: Espiritualidade – Militância Pluralista – Transformação.
Tradução do espanhol - Antônio Carlos de Góis Cajueiro.

Páginas 128-134 indisponíveis na versão digital

A Igreja que aprende ou O que o mundo ensina à Igreja**

Tissa Balasuriya*

Introdução

Estou muito feliz de unir-me às felicitações à Prof. Lieve Troch da Holanda em seu 60º aniversário. Há mais de duas décadas ela tem contribuído no desenvolvimento teológico na Ásia, principalmente no Sri Lanka, e tem promovido novas perspectivas para a teologia feminista. Dessa forma, ela tem ajudado muitas pessoas a encontrarem satisfação também em suas vidas particulares. Ela tem proporcionado uma interação entre pessoas da Europa, da América Latina, da Ásia e da África. Suas cátedras de professora no Brasil e em Nijmegen (Países Baixos) têm sido muito importantes para reunir pesquisadores e estudantes de teologia destes continentes. Sua abordagem é cordial, estudiosa e desafiadora para os que procuram ir mais longe em suas buscas. Ela está na vanguarda da teologia feminista e também está aberta para o diálogo interreligioso, meditação e ação em conjunto para o bem comum.

* TISSA BALASURIYA é teólogo da libertação asiático, natural do Sri Lanka, onde vive como padre da Congregação Oblatos de Maria Imaculada (OMI). É especialista em economia política e agricultura. Juntamente com Gustavo Gutierrez fundou nos anos 60 a EATWOT (*Ecumenical Association of Third World Theologians* = ASETT, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo). Foi reitor da Universidade Aquinas em Colombo (Sri Lanka), por muitos anos. Em 1971 fundou a ONG *Center for Society and Religion* (Centro para Sociedade e Religião), onde agrega colaboradores/as de diferentes religiões que são atuantes nas questões sociais, políticas econômicas e religiosas do país. É autor de diversos livros e artigos que abordam questões teológicas, da religião, das decisões políticas, econômicas e sociais.

** Palavras-chave: Igreja – História do Cristianismo – Democracia.
Tradução do inglês - Leszek Lech.

Páginas 136-149 indisponíveis na versão digital

Uma Cristologia da Libertação do Pluralismo Religioso **

Aloysius Pieris*

Introdução

Fidelidade e fidedignidade na sociedade inter-confessional

Uma “teologia do pluralismo religioso” cristã tem que ser uma mistura de dois imperativos: – *fidelidade* ao que é o único na fé cristã, e *fidedignidade* para com toda outreidade religiosa distintiva. Mas a tragédia é que até os teólogos asiáticos que promovem este ideal não são unânimes sobre o que constitui a unicidade cristã e sobre o que, muitas vezes, é também a propriedade não negociável de cada outra religião! É no contexto deste desacordo fundamental que estou escrevendo este artigo que, conseqüentemente, assume um caráter apologético. Dessa forma, alguns outros pontos de vista, que não estão em consonância com o meu, formaram o pano de fundo desta breve apresentação, enquanto eu me esforço para esclarecer e confirmar a “cristologia da libertação das religiões” que propus aos teólogos asiáticos ao longo da última década (Pieris 1999, 2000, 2006). O fio argumentativo que atravessa a nossa tese é o seguinte:

(a) O que é *comum* a todas as religiões (mostrado abaixo em ‘c’) é um *absoluto soteriológico* (isto é, uma condição universalmente necessária para a salvação) e tudo que for ‘único’ para uma religião é a característi-

* ALOYSIUS PIERIS SJ é fundador e diretor do *Tulana Research Centre for Encounter and Dialogue* em Kelaniya, Sri Lanka, um centro de pesquisa, encontro e diálogo inter-religioso e intercultural. Pieris lecionou em muitas universidades do Ocidente e obteve doutorados *honoris causa*. É um teólogo da libertação asiático e o primeiro cristão que obteve doutorado em Estudos Budistas na Universidade Budista do Sri Lanka. É autor de diversos livros e artigos.

** Palavras-chave: Cristologia – Cristologia da Aliança – Diálogo Interreligioso – Espiritualidade.

Tradução do inglês - Leszek Lech.

Páginas 152-159 indisponíveis na versão digital

Bibliografia

- ALDEN, Ann. *Religion and Dialogue in Late Modernity: A Constructive Contribution to a Christian Spirituality Informed by Buddhist-Christian Encounters*. Lund: Sociologiska Institutionen, 2004, 178p
- ALLEN, John Jr. Perils of Pluralismo. In: *Nationals Catholic Reporter*, 15/09/2000
- FABC (Federation of Asian Bishops' Conferences). *Paper no. 81*. Hong Kong: s/ano
- FERNANDO, Jude Lal. God of Plenitude and Meditation on Conscience: Subverting Religious Narratives for Peaceful Coexistence. In: O'GRADY, John; SCHERLE, Peter (org.). *Ecumenics from the Rim: Explorations in Honour of John D'Arcy May*. Münster: LIT Verlag, 2007, 369-377
- KNITTER, Paul. Is God's Covenant with Victims a Covenant against Oppressors? Aloysius Pieris and the Uniqueness of Christ. In: CRUSZ, Robert; FERNANDO, Marshal; TILAKARATNE, Asanga. *Encounters with the Word: Essays to Honour Aloysius Pieris S.J. on his 70th Birthday 9th April 2004*. Colombo (Sri Lanka): Ecumenical Institute for Study and Dialogue, 2004, 195-208
- LYONNET, Stanislas. *Il Nuovo Testamento alla luce dell'Antico*. Brescia: Paedeia, 1971, 149p
- NEUNER, Josef. Mission Theology after Vatican II. In: *Vidyajyoti Journal of Theological Reflection*, 58. Nova Delhi: Vidyajyoti College of Theology, 1994, 201-214
- PIERIS, Aloysius. *God's Reign for God's Poor: A Return to the Jesus Formula*. Kelaniya: Tulana Research Centre, 1998, 90p
- PIERIS, Aloysius. Christ Beyond Dogma: Doing Christology in the Context of the Religions and the Poor. In: *Louvain Studies*, 25. Lovânia: Faculty of Theology of the Katholieke Universiteit Leuven, 2000, 187-231
- PIERIS, Aloysius. Cross-Scripture Reading in Buddhist Christian Dialogue: A Search for the Right Method. In: WICKERI, Philip L. (org.). *Scripture, Community and Mission. Essays in Honor of D. Preman Niles*. Hong Kong: Christian Conference of Asia / The Council of World Mission, 2003, 234-255
- PIERIS, Aloysius. Asian Reality and the Christian Option: A Plea for a Paradigm Shift in Christian Education in Asia. In: *Dialogue NS*, 6. Colombo (Sri Lanka): Ecumenical Institute for Study and Dialogue, 2005
- PIERIS, Aloysius. Lo Spirito Santo in Asia. In: AMALADOSS, Michaël; GIBELLINI, Rosino etc. (org.). *Teologia in Asia*. Brescia: Editrice Queriniana, 2006, 383-410
- PIERIS, Aloysius. What *On Earth* is God Doing to Us? Towards recovery of Authentic Christian Theism. In: *Gleanings*, 27,1& 2. Colombo (Sri Lanka): Ecumenical Institute for Study and Dialogue, 2008, 3-16 (2008a)
- PIERIS, Aloysius. Spirituality of Mindfulness: The Biblical and Buddhist Versions. In: GNANAPRAGASAM, Patrick; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *Negotiating Borders. Theological Reflections in the Global Era. Essays in Honour of Prof. Felix Wilfred*. Nova Delhi: ISPCK, 2008, 185-198 (2008b)
- WALDENFELS, Hans. Christ Beyond Dogma: Some Remarks about Aloysius Pieris' Renewal of Christology. In: CRUSZ, Robert; FERNANDO, Marshal; TILAKARATNE, Asanga (org.). *Encounters with the Word: Essays to Honour Aloysius Pieris*. Colombo (Sri Lanka): Ecumenical Institute for Study and Dialogue, 2004, 209-224
- WIJESINGHE, Shirley Lal. Cain and Abel: Brotherhood in Crisis. In: *Vagdevi, Journal of Religious Reflection*, 1/2. 2007, 45-52

A crise de identidade e de unidade. Rumo a uma ética ecumênica**

Jude Lal Fernando*

Introdução

Na introdução ao *The Ecumenical Movement: An Anthology of Key Texts and Voices* (O Movimento Ecumênico: uma antologia de textos-chave e vozes), os organizadores Michael Kinnamon e Brian E. Cope descrevem três etapas no desenvolvimento do movimento ecumênico, indicando temas centrais de cada período, como uma resposta às circunstâncias históricas da época. As etapas são as seguintes:

1. A redescoberta da Igreja, de toda a igreja, como um componente essencial do Evangelho;
 2. A redescoberta da Igreja como no mundo e para o mundo;
 3. A redescoberta, por meio da criação, das relações da Igreja com a obra de criação e de redenção de Deus (Kinnamon / Cope, 3-4).
- Apesar de ter começado com a preocupação de superar as divisões

* JUDE LAL FERNANDO nasceu num vilarejo de pescadores no Sri Lanka. Seu mestrado em teologia foi publicado em 2007 sob o título *A Paradigm for a Peace Movement: Thich Nhat Hanh and Martin Luther King Jr.* (Um paradigma para um movimento de paz: Thich Nhat Hanh and Martin Luther King Jr.). Fernando engajou-se em várias entidades que procuram estabelecer o diálogo e contatos entre cingaleses e tâmeis, e defende uma posição crítica ao papel do reavivamento budista na emancipação da sociedade srilanquesa, já que falhou no reconhecimento político dos direitos das comunidades tâmeis. Acaba de obter seu PhD em Estudos de Paz pela *Irish School of Ecumenics, Trinity College*, em Dublin.

** Palavras-chave: Ética Ecumênica – Ecumenismo – Hermenêutica – Solidariedade. Este artigo foi apresentado pelo autor durante o VI Encontro sobre Teologia Sistemática, *Believing in Community: Ecumenical Reflections on the Church* (7-10/11/2007), na Universidade de Lovânia (Bélgica), e agora dedicado a Lieve Troch. Tradução do inglês - Leszek Lech.

Páginas 162-176 indisponíveis na versão digital

bres, as mulheres, as diferentes origens étnicas, tribais e grupos de casta, entre as vidas que foram feitas fragmentárias e episódicas e no eco-sistema que está ameaçado – que é a memória do eterno Outro que está existindo em todos e em cada um de nós – que poderia promover o processo de diálogo. A Igreja descobre-se no rosto do outro dentro das Igrejas, entre as Igrejas e no mundo em geral. O outro foi a vítima da interpretação ideológica mesquinha da doutrina da fé. De fato, são as vozes dessas vítimas que evocam a responsabilidade moral da Igreja. Como Tracy afirma: “Suas vozes podem soar estridentes e incivis – numa palavra, outras... Mas somente ao começar a ouvir essas outras vozes, podemos começar também a ouvir a outreidade dentro do nosso próprio discurso e dentro de nós mesmos” (Tracy 1987, 79). Aloysius Pieris nota o mesmo num contexto diferente: “Somente os oprimidos conhecem e falam a língua da libertação, a língua do espírito, a língua da religião verdadeira” (Pieris 2002, 129).

Isso leva a dizer que a unidade é possível somente quando a Igreja assume a responsabilidade moral pela vítima. Aqui, o princípio da unidade é a unidade com aqueles que são diferentes, esquecidos, reprimidos: é precisa a solidariedade concreta e o compromisso com situações concretas da vida, tanto local como globalmente. Hoje, o movimento ecumênico terá algum significado só à medida que entra no processo de identificação com o outro vitimado.

A conclusão adequada para tudo isso é uma reafirmação da *teologia crucis* (Moltmann) no estilo de Moltmann, que lida tanto com relevância como com identidade. É a memória de Deus no outro vitimado que motiva cristãos a se envolverem e a fazerem um compromisso com o outro, conhecendo a realidade da cruz – a dor e o conflito; é a fé no mesmo Deus, que, embora não possa nos salvar da dor, pode responder a um compromisso desinteressado no Cristo Ressuscitado, que torna os cristãos capazes de redescobrir a unicidade da fé.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. *Life in Fragments: Essays in Postmodern Morality*. Oxford: Blackwell, 1995, 256p
- BAUMAN, Zygmunt. *Post Modernity and its Discontents*. Cambridge: Polity, 1997, 232p
- BAUMAN, Zygmunt. *Individualized Society*. Cambridge: Polity, 2001, 272p
- BAUMAN, Zygmunt. *Community: Seeking Safety in an Insecure World*. Cambridge: Polity, 2004, 168p
- CONGAR, Yves. Do the New Problems of our Secular World Make Ecumenism Irrelevant? In: *Concilium*, 88. Londres: SCM, 1973
- Conselho Mundial de Igrejas (CMI) (org.). *Treasure in Earthen Vessels: An Instrument for an Ecumenical Reflection on Hermeneutics*. Genebra: World Council

of Churches, 1998, 40p

HAIGHT, Roger. The Logic of the Christian Response to Social Suffering. In: ELLIS, Marc H.; MADURO, Otto (org.). *Future of Liberation Theology: Essays in Honor of Gustavo Gutierrez*. Maryknoll Orbis, 1989, 518p

KINNAMON, Michael; COPE, Brian E. (org.). *The Ecumenical Movement: An Anthology of Key Texts and Voices*. Geneva: Conselho Mundial de Igrejas, 1997, 497p

KÜNG, Hans. Post-Ecumenical Era? Some Practical Considerations. In: *Concilium*, 88. Londres: SCM, 1973

MOLTMANN, Jürgen. *The Crucified God*. Londres: SCM, 1974, 364p

PIERIS, Aloysius. *An Asian Theology of Liberation*. Maryknoll: Orbis, 1988, 160p

PIERIS, Aloysius. Faith-communities and Communal Violence: the Role of Religion and Ideology. In: *Dialogue*, 24. Colombo (Sri Lanka): Ecumenical Institute for Study and Dialogue, 2002, 111-131

TRACY, David. *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope*. Londres: SCM, 1987, 155p

TRACY, David. Fragments and Forms: Universality and Particularity Today. In: *Concilium*, 271. Londres: SCM, 1997, 122-129



Viver em meio à morte: uma releitura de transcritos escondidos de mulheres asiáticas**

Gemma Tulud Cruz*

Desembrulhando os transcritos escondidos de mulheres asiáticas

A Ásia é um continente vasto e diversificado que chegou a encarnar a tradição e a mudança, o antigo e o novo, em face aos padrões globais de integração. Um dos grupos atingidos por essa dinâmica paradoxal são as mulheres. Na Ásia, a pobreza e a discriminação sempre tiveram um rosto de mulher. Enquanto a globalização trouxe mudanças positivas em geral, para as mulheres asiáticas, o aumento da competição econômica, que se soma aos seus múltiplos papéis na produção, reprodução e administração comunitária, significa que elas têm que lidar com o modo global de viver, trabalhando mais, arriscando mais e sofrendo mais. Ora, como mulheres asiáticas resistem a essa opressão? Este artigo dedica-se a essa pergunta, ao verificar os modos pelos quais mulheres asiáticas se negam a capitular diante da opressão que estão sofrendo. Mais especificamente discute certas estratégias que, à primeira vista, poderiam parecer como negativas ou como fraquezas, mas que na verdade são poderosas.

James Scott chama essas estratégias de “transcritos escondidos.” Com essa expressão, ele se refere a uma política de disfarce e anonimato, praticada em grupos subordinados, que é em parte aliviadora, ambígua e codificada. Ele afirma que esses transcritos são freqüentemente expressados

* Dr. phil. GEMMA TULUD CRUZ é professora assistente de Teologia na *Saint Ambrose University* em Davenport, Iowa, EUA. Na ocasião da redação deste artigo, foi também professora assistente visitante na *DePaul University* em Chicago, Illinois, EUA.

** Palavras-chave: Ásia – Mulheres – Resistência – Libertação.
Tradução do inglês - Monika Ottermann.

Páginas 180-188 indisponíveis na versão digital

culturais aparentemente frágeis. E o mais importante é: uma teologia que leva isso a sério concede com toda justiça um lugar muito merecido às pessoas “teologicamente oprimidas”, às e aos teólogas/as do cotidiano, às pessoas nas trincheiras que estão lutando para viver vidas reais em meio às incongruências e injustiças.

Realmente, há voz no silêncio, há ira no humor e no riso, há resistência nas histórias, nas canções e na dança. O silêncio fala, o humor e o riso desestabilizam, e canções, histórias e dança narram, lamentam e celebram as vitórias e as tragédias da vida. São maneiras de questionar, de encontrar e de insistir no sagrado presente nas nossas experiências de vida. Esquecer de incluí-las é como ter uma estiação teológica. Negá-las é arrogância, e ridicularizá-las é ignorância.

Bibliografia

- AGUSTIN, Patria. Women and Politics in the Philippines. In: *Journal of Feminist Studies in Religion*, 3,2. Harvard: Indiana University Press, 1987, 117-118
- ARBUCKLE, Gerald. *Laughing With God: Humor, Culture, and Transformation*. Collegeville: Liturgical Press, 2008, 187p
- BROCK, Rita Nakashima. Interstitial Integrity: Reflections Toward an Asian American Woman’s Theology. In: BADHAM, Roger A. (org.). *Introduction to Christian Theology: Contemporary North American Perspectives*. Louisville: WJK Press, 1998, 183-196
- BUSSIE, Jacqueline. *The Laughter of the Oppressed: Ethical and Theological Resistance in Wiesel, Morrison, and Endo*. Nova Iorque: T & T Clark, 2007, 212p
- CONSTABLE, Nicole. *Maid to Order in Hong Kong*. Ithaca: Cornell University Press, 1997, 242p
- CRUZ, Gemma Tulud. Gendering the Quest for Global Economic Justice: The Challenges of Women Labor Migration to Christian Theological Reflections. In: *Voices from the Third World*, 28,1. EATWOT/ASETT, 2005, 128-146
- DALY, Mary. *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism*. Boston: Beacon Press, 1978, 484p
- DIETRICH, Gabriele. People’s Movements, the Strength of Wisdom, and the Twisted Path of Civilization. In: SEGOVIA, Fernando (org.). *Toward a New Heaven and a New Earth: Essays in Honor of Elisabeth Schüssler Fiorenza*. Maryknoll: Orbis, 2003, 407-408
- JIMENEZ DAVID, Rina. Why Filipinos are happy. www.inq7.net/archive/2002-p/opi/2002/jan/11/opi_rj david-1-p.htm, acessado em 31/10/2003
- LAYOSA, Erlinda; LUMINARIAS, Laura. *Sapang Pagyuko Kawayan: A Collection of Jokes from Filipino Overseas Workers*. Hong-Kong: Asia Pacific, 1992
- LEWIS, Nantawan Boonprasat. On Naming Justice: The Spiritual and Political Connection in Violence against Asian Immigrant Women. In: SEGOVIA, Fer

- nando (org.). *Toward a New Heaven and a New Earth: Essays in Honor of Elisabeth Schüssler Fiorenza*. Maryknoll: Orbis, 2003
- LIM, Shirley Geok-lin. Asian-American Daughters Rewriting Asian Maternal Texts. In: HUNE, Shirley etc. (org.). *Asian Americans: Comparative and Global Perspectives*. Pullman: Washington State University Press, 1991, 239-248
- MANALO, Maria Corazon. Dance: A Woman's Way to Peace. In: *Religious Studies De La Salle Journal*, 19,2. 1996, 77-78
- MANANZAN, Mary John. *Woman, Religion and Spirituality in Asia*. Quezon City: Anvil Publishing, 2004, 280p
- MANN, Susan. Myths of Asian Womanhood. In: *Journal of Asian Studies*, 59,4. Madison: Association for Asian Studies, 2000, 857-858
- OREVILLO-MONTENEGRO, Muriel. *The Jesus of Asian Women*. Maryknoll: Orbis, 2006, 270p
- OREVILLO-MONTENEGRO, Muriel. My Search for Asian Women's Voices. In: *In God's Image*, 26,4. Kuala Lumpur: Asian Women's Resource Centre for Culture and Theology, 2007
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Ties That Bind: Domestic Violence Against Women. In: MANANZAN, Mary John etc. (org.). *Women Resisting Violence: Spirituality for Life*. Maryknoll: Orbis, 1996
- SCOTT, James. *Domination and the Arts of Resistance*. New Haven: Yale University Press, 1990, 276p
- SNODGRASS, Klyne R. *Stories with Intent: A Comprehensive Guide to the Parables of Jesus*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, 846p
- SOUTHARD, Naomi P. F. Recovery and Rediscovered Images: Spiritual Resources for Asian American Women. In: KING, Ursula (org.). *Feminist Theology from the Third World*. Maryknoll: Orbis, 1994
- WALTON, Janet. *Feminist Liturgy: Matter of Justice*. Collegeville: Liturgical Press, 2001, 40-41
- WEBER, Christin Lore. *Woman Christ: a new Vision of Feminist Spirituality*. São Francisco: Harper and Row, 1987, 178p
- ZAMBRANO, Aurora. Women in Tribal Filipinos, their Land and Cultural Heritage. In: *Kalinangan*, março de 1985



Rumo a uma Espiritualidade Sapiencial Feminista de Justiça e Bem-estar**

Elisabeth Schüssler Fiorenza*

Nas últimas décadas, a espiritualidade tornou-se um tema-chave não só na te*logia¹, mas também em formas comercializadas de grupos de auto-ajuda e nos movimentos de *New Age*. A espiritualidade virou um grande negócio. Empresas de ponta em todas as partes buscam estar em sintonia com o poder da espiritualidade, com objetivos comerciais convincentes e procurando inspirar seus funcionários a darem o melhor de si na praça da feira global. Nesse processo, a espiritualidade tornou-se um termo popular, mas também enigmático e oscilante, que tem significados diferentes para pessoas diferentes. Ao focar na sabedoria/Sabedoria, hu

* ELISABETH SCHÜSSLER FIORENZA é teóloga feminista, professora de Novo Testamento na Universidade de Harvard (EUA), *Harvard Divinity School*. É co-editora do *Journal of Feminist Studies in Religion* e da revista *Concilium*. Publicou vários livros traduzidos para doze idiomas, sendo três deles para o português: *As Origens Cristãs a partir da Mulher: Uma nova hermenêutica*; *Discipulado de Iguais: Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*; *Jesus e a política da interpretação*.

** Palavras-chave: Feminismo – Sabedoria – Justiça – Luta – Espiritualidade.

Tradução do inglês - Monika Ottermann.

1 Para indicar o caráter quebrantado e inadequado da linguagem humana quando se trata de nomear o Divino, no meu livro *Jesus: Miriam's Child, Sophia's Prophet*. (*Jesus: Filho de Miriam, Profeta de Sofia*) passei da grafia judaica ortodoxa G-d [em vez de God = Deus], a qual eu tinha adotado nos meus livros *But She Said (Ela, porém, disse)* e *Discipleship of Equals (Discipulado de Iguais)* para a grafia G*d que procura evitar a associação com a corrente dominante masculina que a grafia G-d tem para feministas judias. Sendo que “te*logia” significa literalmente “falar sobre D**s” ou “conversa sobre D**s” [G*d-talk], escrevo essa palavra da mesma maneira.

Páginas 192-206 indisponíveis na versão digital

ekklesia de mulh*res reunida ao redor da mesa da Divina Sabedoria.

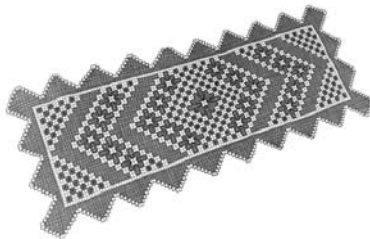
Resumindo: uma espiritualidade sapiencial/Sapiencial feminista de justiça desafia-nos a criar e participar em um movimento de amigas/os da Sabedoria e pede nosso envolvimento em movimentos Sapienciais por mudança e transformação. Isso significa sair de relações interiorizadas de dominação e entrar no espaço radicalmente democrático da Divina Sabedoria, a *ekklesia* de mulh*res; significa visionar um movimento democrático multicultural e multirreligioso em prol do bem-estar de todas as pessoas; significa iniciar e envolver-se em grupos de conscientização Sapienciais. Significa engajar-se na *ekklesia* de mulh*res, que no mundo inteiro visiona, discute e põe em prática esse futuro radicalmente democrático de bem-estar para todas as pessoas sem exceção.

Lieve Troch, cuja vida e trabalho este livro celebra e homenageia, tem trabalhado incansavelmente para ensinar essa espiritualidade sapiencial/Sapiencial de justiça e para tornar o etos radicalmente democrático da *ekklesia* de mulh*res uma realidade vivida ao redor do mundo. É uma alegria ter colaborado com ela nesse trabalho durante muitos anos. Espero que continuemos nos próximos anos a nos encontrar sempre de novo como amigas da sabedoria/Sabedoria no trabalho da justiça. *Ad multos annos*, Lieve!

Bibliografia

- BERNEKING, Nancy J.; JOERN, Pamela Carter (org.). *Re-Membering and Re-Imagining*. Cleveland: Pilgrim Press, 1995
- BYSTYDZIENSKI, Jill M.; SEKHON, Joti (org.). *Democratization and Wo/men's Grassroots Movements*. Bloomington: Indiana University Press, 1999
- CAMP, Claudia V. *Wisdom and the Feminine in the Book of Proverbs*. Sheffield: Almond, 1985, 352p (Bible and Literature Series, 14)
- FALK, Marcia. Notes on Composing New Blessings. In: PLASKOW, Judith; CHRIST, Carol P. (org.). *Weaving the Visions: Patterns in Feminist Spirituality*. São Francisco: Harper and Row, 1989, 129-130
- MORTON, Nelle. *The Journey is Home*. Boston: Beacon, 1985, 255p
- SCHNEIDERMAN, Nancy Helman. Midlife Covenant: Healing Ritual after Hysterectomy. In: LEVINE, Elizabeth Resnick. *A Ceremonies Sampler: New Rites, Celebrations, and Observances of Jewish Women*. La Jolla: Women's Institute for Continuing Jewish Education, 1991, 55-60
- SERED, Susan. Jewish Wo/men and the Shekhina. In: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth; AQUINO, Pilar (org.). *In the Power of Wisdom: Feminist Spiritualities of Struggle*. Concilium, 2000/5. Londres: SCM Press, 2000, 78-90
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *But She Said. Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon, 1992, 261p

- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipleship of Equals: A Critical Feminist Ekklesia-Logy of Liberation*. Nova Iorque: Crossroad, 1993 (Tradução brasileira: *Discipulado de iguais. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, 404p)
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus: Miriam's Child, Sophia's Prophet. Critical Issues in Feminist Christology*. Nova Iorque: Continuum, 1994
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Wisdom Ways: Introducing Feminist Biblical Interpretation*. Maryknoll: Orbis, 2001 (Tradução espanhola: *Los Caminos de la Sabiduría. Una Introducción a la interpretación feminista de la Biblia*. Santander: Sal Terrae, 2004, 286p; tradução brasileira em preparação pela Nhanduti Editora)
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Sharing Her Word: Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon, 1998
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *En la senda de Sofía. Hermenéutica feminista crítica para la liberación*. Traduzido e editado por Severino Croatto e Cristina Conti. Buenos Aires: Lumen-Isedet, 2003, 111p
- WOLFSON, Elliot R. *Circle in the Square*. Albany: State University of New York Press, 1995



O paradoxo mariano: práticas marianas como um caminho para uma nova mariologia?*

Maaïke de Haardt*

Costuma-se dizer que Maria inspirou mais pessoas do que qualquer outra mulher (Pelikan). Na medida em que feministas estão envolvidas, uma observação desse tipo desperta certa suspeita e confere certa urgência à questão do significado de Maria. Maria, inspiradora para quem e para que fim?

Para muitas pessoas, Maria pode ser um exemplo inspirador ou um objeto de devoção, mas ela também é uma fonte de debate, controvérsia, evangelização, admiração e difamação. Tudo isso vale tanto para a pergunta pelo significado teológico e dogmático de Maria no cristianismo, como também para a controvérsia sobre práticas de devoção, especialmente sobre as aparições de Maria. Tem a ver também – especialmente para mulheres – com os elementos opressivos, libertadores, nacionalistas e políticos vinculados a Maria. Ao mesmo tempo, Maria é considerada por estudiosos/as, teólogos/as e antropólogos/as “o exemplo” por excelência de uma figura multi-religiosa, e ela poderia ter sua importância em encontros interreligiosos (Smith / Haddad). Interpretações concorrentes

* MAAIKE DE HAARDT é doutora em teologia sistemática. Desde 1998 ocupa a Cátedra Catharina Halkes na *Radboud Universiteit* em Nijmegen (Países Baixos) e atualmente trabalha também na universidade de Tilburg (Países Baixos) na área da teologia feminista. Suas publicações priorizam temas da cristologia, de uma nova linguagem acerca de deus e da teologia do cotidiano.

** Palavras-chave: Maria – Mariologia – Religiosidade Popular – Teologia Feminista. O original holandês foi traduzido para o inglês por Dra. Magda Misset-van de Weg, e o texto inglês foi traduzido para o português brasileiro por Monika Ottermann.

Páginas 210-220 indisponíveis na versão digital

valer também para figuras femininas em outras tradições religiosas. Já não podemos negar a patriarcalização da cultura (cristã), e o mesmo vale para traços de contradição que ressoam com maior ou menor força nesta cultura. Penso que não é uma coincidência que mulheres em geral tiveram uma maior sensibilidade para esse tipo de espiritualidade e, até certo ponto, possivelmente ainda a tenham. Contudo, penso também que, na cultura europeu-ocidental que aos poucos está ficando menos explicitamente patriarcal, a religiosidade de homens também se sensibiliza nessa direção.

É claro que continua a pergunta sobre se o tipo de espiritualidade mariana e de mariologia aqui descrito de modo bastante provisório é suficientemente capaz de oferecer “algo” a mulheres e homens ocidentais de hoje, e se é suficientemente crítico e autoconfiante. Ou será que esses significados altamente simbólicos que estão inevitavelmente vinculados a Maria devem ser considerados antiquados nesta era pós-moderna, como argumenta Elizabeth Johnson? Diante do crescente interesse e necessidade de todos os tipos de espiritualidade, não tenho tanta certeza disso, antes o contrário. Se Maria tiver algo a oferecer ou não, nesse sentido, permanece em parte uma pergunta aberta. Justamente no nível de devoções e espiritualidade vejo, em princípio, muitas possibilidades – embora arriscadas. No imenso leque dos atuais rituais e devoções, o “*ranking*” de Maria é, em todo caso, muito alto. Aparentemente, as pessoas encontram junto a Maria um vislumbre do “sagrado” (Erinkveld), seja ao acender velas, seja ao visitar lugares marianos. A meu ver, a teologia feminista poderia desenvolver um olhar mais atento para esse tipo de sensibilidade. Eu não espero, porém, que tudo isto conduza a uma transformação na mariologia teológica e eclesiástica oficial. Tampouco serão abolidas ou esquecidas a ambigüidade, a complexidade, a luta e o poder que encerram Maria e devoções marianas. Como Lieve sempre me lembra: reflexão crítica, discussão e vigilância são necessárias, também e especialmente com respeito às práticas devocionais marianas. Se Maria for alguma fonte de inspiração, ela permanece, em muitos aspectos e sob muitas formas, extremamente paradoxal – e, nesse sentido, perigosa.

Bibliografia

- ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology. Theological Perversions in Sex, Gender and Politics*. Nova Iorque: Routledge, 2001, 224p
- ALTHAUS-REID, Marcella; ISHERWOOD, Lisa. *Controversies in Feminist Theology*. Londres: SCM Press, 2007, 146p
- BEATTIE, Tina. *God's Mother, Eve's Advocate*. Nova Iorque: Continuum, 2002, 241p
- BEDNAROWSKI, Mary Farrell. *The Religious Imagination of American Women*.

- Bloomington / Indianapolis: Indiana University Press, 1999, 240p
- BENKO, Stephen. *The Virgin Goddess: Studies in the Pagan and Christian Roots of Mariology*. Leiden: Brill, 1993, 296p
- BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979, 267p
- BOSS, Sara-Jane. *Empress and Handmaid: on Nature and Gender in the Cult of the Virgin Mary*. Londres / Nova Iorque: Cassell, 2000, 253p
- EADE, J.; SALLNOW, M. J. (org.). *Contesting the Sacred: the Anthropology of Christian Pilgrimage*. Londres / Nova Iorque: Routledge, 1991, 200p
- ELIZONDO, Vigil. *Guadalupe, Mother of the New Creation*. Maryknoll: Orbis Books, 1997, 164p
- ERINKVELD, Henk. Van Vindplaats van 'de' heilige naar zoekplaats naar 'het' heilige. Een eeuw lang bedevaarttraditie in Witterem. In: POST, P.; SCHUUR-MANNS, K. (org.). *Op Bedevaart in Nederland*. Kampen: Gooi en Sticht, 2006, 83-94 (Betekenis en toekomst van de regionale bedevaart, 8)
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987, 208p (Igreja, sacramento e libertação)
- HAARDT, Maaike de. Transcending the Other-Self. In: WALTON, H.; HASS, A. W. (org.). *Self/Same/Other. Revisioning the Subject in Literature and Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, 194-208
- HAARDT, Maaike de. Vinde, comei de meu pão... In: TROCH, Lieve (org.) *Passos com Paixão. Uma teologia do dia-a-dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 59-84
- HAARDT, Maaike de. Feminist 'God-praxis' in Relation to Feminist Theology. In: SCHREURS, N.; PLASTOW, T. (org.). *Juxtaposing Contexts*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003, 98-132
- HAARDT, Maaike de. Maria: meer dan een gevaarlijk en dubbelzinnig voorbeeld. In: WETERING, S.; WETERING, B.; VROOM, H. (org.). *In het spoor van Jezus en Mohammed. Op zoek naar God en hoe te leven*. Zoetermeer / Kapellen: Meinema / Pelckmans, 2008, 169-186
- HALKES, Catharina. Drieluik voor Maria. In: *Met Mirjam is het begonnen*. Kampen: Kok, 1981, 87-116
- JOHNSON, Elizabeth A. *Truly Our Sister. A Theology of Maria in the Communion of Saints*. Nova Iorque / Londres: Continuum, 2003, 379p
- LEVINE, Amy-Jill. (org.). *A Feminist Companion to Mariologia*. Nova Iorque: Continuum, 2005, 261p
- LOGISTER, Wiel. *Maria, een uitdaging*. Baarn / Averbode: Gooi en Sticht, 1995, 214p
- MAECKELBERGHE, Els. *Desperately Seeking Mary. A Feminist Appropriation of a Traditional Religious Symbol*. Kampen: Pharos, 1991, 195p
- ORSI, Robert A. *Between heaven and earth: the religious worlds people make*

- and the scholars who study them.* Princeton: Princeton University Press, 2005, 256p
- PELIKAN, Jaroslav. *Mary through the Centuries: Her Place in the History of Culture.* New Haven: Yale University Press, 1996, 264p
- POST, Paul. Post-modern pilgrimage: christian ritual between liturgy and 'topolatry'. In: HOUTMAN, A.; POORTHUIS, M. J. H. M; SCHWARTZ, J. (org.). *Sanctity of Time and Space in Tradition and Modernity.* Leiden etc.: Brill, 1998, 299-315
- POST, Paul. Old Saints, Modern Pilgrimage: Heiloo, The Place of Pilgrimage as a Modern Ritual-Liturgical Podium. In: BARNARD, M.; POST, P.; ROSE, E. (org.), *A Cloud of Witnesses. The Cult of the Saints in Past and Present.* Lovânia: Peeters, 2005, 201-222
- POST, Paul; PIEPER, Jos; UDEN, Marinus van (org.). *The Modern Pilgrim. Multidisciplinary Explorations of Christian Pilgrimage.* Lovânia: Peeters, 1998, 368p
- POST, Paul; SCHUURMANS, Koos (org.). *Op bedevaart in Nederland. Beteekenis en toekomst van de regionale bedevaart.* Kampen: Gooi en Sticht, 2006, 144p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus, Miriam's Child, Sophia's Prophet. Critical Issues in Feminist Christologies.* Nova Iorque: Continuum, 1995, 262p
- SMITH, Jane; HADDAD, Yvonne Y. The Virgin Mary in Islamic Tradition and Commentary. In: *The Muslim World*, 79,3-4. Oxford: Blackwell, 1989, 161-187
- SPRETNAK, Charlene. *Missing Mary. The Queen of Heaven and Her Re-Emergence in the Modern Church.* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004, 312p
- TAVARD, Georg. H. *The Thousand Faces of Mary.* Collegeville: Liturgical Press, 1996
- VUOLA, Elina. *Limits of Liberation. Feminist Theology and the Ethics of Poverty and Reproduction.* Londres / Nova Iorque: Sheffield Academic Press, 2002, 275p
- VUOLA, Elina. Religion, Feminism and Sexuality in Latin America. In: ALTHAUS-REID, Marcella (org.). *Liberation Theology and Sexuality.* Aldershot / Burlington: Ashgate, 2006, 137-162
- ZIMDARS-SWARTZ, Sandra L. *Encountering Mary. From La Salette to Medjugorje.* Princeton: Princeton University Press, 1991, 342p